

TRIVIA - Logan Pearsall Smith (1865-1946)

TRIVIALIDADES

Epigramas filosóficos em prosa poética

“Tu, deusa Trivia, ajuda minha canção: ao longo de ruas espaçosas, conduze teu bardo.”

"Thou, Trivia, goddess, aid my song: Through spacious streets conduct thy bard along."

Logan Pearsall Smith é uma figura singular no mundo literário anglo-americano, levando-se em conta que seus escritos mais divulgados – os dois livros de *Trivia* (1902, 1921 e a edição completa de 1933) – não se enquadram, ao menos de modo explícito, em nenhuma das tradicionais categorias literárias. Embora guardem semelhanças com os epigramas de Martial, não chegam a ser considerados poesias, e sim textos de prosa poética. Estão expressos na forma de comentários concisos, de fundo filosófico, a partir de fatos corriqueiros ou apenas imaginados, de conversas banais da convivência cotidiana, sob a influência perceptível da literatura jornalística moderna, um fenômeno desenvolvido e apreciado na ilha de Albion desde meados do século XVII. Diferem, portanto, das máximas e digressões consagradas pelos moralistas franceses do mesmo século, La Rochefoucauld e La Bruyère, que se referem diretamente a aspectos da vida social e dos afetos mundanos, como a vaidade e a ambição.

No entanto, o tratamento acurado de um ourives e a revisão dessas peças de estilo leve, como se apenas fossem meras trivialidades, o ocuparam por cerca de quatro décadas, até sua morte, pois cada nova edição o conduzia a mais um remate, à procura do tom mais exato e elegante, do significado mais preciso, quase sempre matizado por uma discreta ironia, tipicamente britânica. Parece-

me ter sido esse seu antídoto contra o pragmatismo dominante da modernidade industrial ou o entendimento do mundo como simples reserva de utensílios para uso imediato, sempre renovável e necessariamente lucrativo.

Daí já se ter dito que, entre tantos escritores anglo-americanos pós-românticos, talvez tenha sido ele aquele que mais se dedicou ao culto da “arte pela arte”, entendida como a técnica de se criar uma prosa refinada, preciosa, “a busca incansável por uma perfeição inatingível”, o que se pode constatar ainda em seus estudos mais técnicos sobre expressões idiomáticas inglesas e história literária, como, por exemplo, em *The English Language* e *Words and Idioms*.

O estilo de sua escrita é espirituoso, e nele se pode enxergar ecos de alguns autores da longa história da filosofia e da crítica da cultura, como Epicuro, Swift, Diderot ou Schopenhauer, revelando os traços indelévels e contraditórios da natureza humana.

Nascido em 1865 em Millville, New Jersey, Estados Unidos, de família quacre, educou-se em Harvard e posteriormente em Oxford (no Balliol College dessa vetusta instituição britânica), tornando-se cidadão inglês em 1913. Como não quis se envolver nos negócios da família, ou seja, na produção e comércio de vidros, preferindo se dedicar à literatura, ao ensaio e à crítica, seu pai lhe concedeu US\$ 25.000 em 1888 e com eles Logan comprou uma anuidade (*annuity*), ou seja, fez um contrato com uma seguradora para receber uma quantia regular enquanto o dinheiro aplicado rendesse.

Veio a falecer logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1946, aos 80 anos.

Para os que preferirem o original inglês, ou a comparação com o texto vertido, se oferece a edição bilíngue.

Essas peças de prosa moral foram escritas, prezado Leitor/a, por um grande mamífero carnívoro, pertencente à subordem do Reino Animal, que inclui o Orangotango, o Gorila de longas presas, o Babuíno com seu traseiro azul brilhante e escarlate, e o Chipanzé orelhudo. O Autor.¹

These pieces of moral prose have been written, dear Reader, by a large Carnivorous Mammal, belonging to that sub-order of the Animal Kingdom which includes Orang-outang, the tusked Gorilla, the Baboon with his bright blue and scarlet bottom and the long-eared Chipamzee. The Author.

¹ Da edição de 1939, Doubleday, Doran & Company., New York, EUA.

Hoje

Acordei esta manhã dos sonhos para o que chamamos Realidade, para a luz do dia, para a mobília do meu quarto familiar - na verdade para o bem conhecido, muitas vezes discutido, mas, em minha mente, ainda inexplicado Universo.

Então eu, que saí da Eternidade, e ela parece estar ali em meu caminho, levantei-me e passei o dia como costume despendê-lo. Eu li, fiz coisas com vagar, falei e me exercitei; e sentei-me pontualmente para comer as refeições que apareceram nos intervalos previstos.

To-Day

I woke this morning out of dreams into what we call Reality, into the daylight, the furniture of my familiar bedroom — in fact into the well-known, often-discussed, but, to my mind, as yet unexplained Universe.

Then I, who came out of Eternity and seem to be on my way thither, got up and spent the day as I usually spend it. I read, I pottered, I talked, and took exercise; and I sat punctually down to eat the cooked meals that appeared at stated intervals.

Consolação

Outro dia, acabrunhado no metrô, tentei me reconfortar pensando nas alegrias do nosso destino humano. Mas não havia nenhum deles que me parecesse ter importância - nem Vinho, nem Amizade, nem o Passadio ou Fazer Amor, nem a Consciência da Virtude. Valeria a pena continuar subindo em um elevador para um mundo que nada tinha de menos vulgar para oferecer?

Então pensei em ler - na sutil e agradável felicidade da leitura. Isso era o suficiente, essa alegria não obscurecida pela idade, esse vício polido e impune, essa intoxicação durável, serena e egoísta.

Consolation

The other day, depressed on the Underground, I tried to cheer myself by thinking over the joys of our human lot. But there wasn't one of them for which I seemed to care a hang — not Wine, nor Friendship, nor Eating, nor Making Love,

nor the Consciousness of Virtue. Was it worth while then going up in a lift into a world that had nothing less trite to offer ?

Then I thought of reading — the nice and subtle happiness of reading. This was enough, this joy not dulled by Age, this polite and unpunished vice, this selfish, serene, life-long intoxication.

Micróbios

Mas como é manter-se livre daqueles micróbios mentais que devoram o cérebro das pessoas, daquelas Teorias e Dietas, Entusiasmos e Doutrinas infecciosas que apanhamos do que parecem ser os mais inócuos contatos? As pessoas andam carregadas de germes; elas respiram credos e convicções em você tão logo abrem a boca. Livros e jornais simplesmente os insinuem - as revisões mensais parecem ter espaço para pouco mais. Com o quê, então, um jovem purificará seu caminho; como manterá sua mente imune às especulações teosóficas e aos novos esquemas de salvação? Poderá ter certeza de que não vai ser subitamente atingido pela febre do funeral ou da reforma ortográfica, ou levar para a sua cama uma nova teoria do sexo?

Mas essa luta por uma mente saudável em um mundo cheio de vermes realmente vale a pena, afinal? Não há sonhos soporíferos e doces delírios mais calmantes do que a razão? Se a Transmigração pode esclarecer o sombrio problema do mal; se a Sra. Mary Baker Eddy pode nos libertar da morte; se a crença de que Bacon escreveu Shakespeare transmite uma paz que o mundo não nos pode dar, por que rejeitar pedantemente tal consolo? Por que não ser conduzido como os demais por águas calmas, ser levado a deitar-se em pastos verdes?

Microbes

But how is one to keep free from those mental microbes that worm-eat people's brains - those Theories and Diets and Enthusiasms and infectious Doctrines that we catch from what seem the most innocuous contacts? People go about laden with germs; they breathe creeds and convictions on you as soon as they open their mouths. Books and newspapers are simply creeping with them—the monthly Reviews seem to have room for little else. Wherewithal then shall a young man cleanse his way; how shall he keep his mind immune to Theosophical

speculations, and novel schemes of Salvation? Can he ever be sure that he won't be suddenly struck down by the fever of Funeral or of Spelling Reform, or take to his bed with a new Sex Theory?

But is this struggle for a healthy mind in a maggoty world really after all worth it? Are there not soporific dreams and sweet deliriums more soothing than Reason? If Transmigration can make clear the dark Problem of Evil; if Mrs. Mary Baker Eddy can free us from Death; if the belief that Bacon wrote Shakespeare gives a peace which the world cannot give, why pedantically reject such solace? Why not be led with the others by still waters, be made to lie down in green pastures?

Marfim Verde

Quão tedioso é acordar de manhã, sempre a mesma pessoa. Eu desejaria ser inabalável e enfático, ter grandes e espessas sobrancelhas e uma Mensagem para a Época. Eu gostaria de ser um Pensador profundo, ou um grande Ventríloquo.

Eu gostaria de ser refinadamente atraente e melancólico, vítima de uma paixão sem esperança; para amar à moda antiga e afetada, com impossível Adoração e Desespero sob a face pálida da lua.

Eu desejaria poder me levantar; eu gostaria de ser o maior Violinista vivo do mundo. Eu desejaria ter muita prata, as primeiras Edições, e marfim verde.

Green Ivory

What a bore it is, waking up in the morning always the same person. I wish I were unflinching and emphatic, and had big, bushy eyebrows and a Message for the Age. I wish I were a deep Thinker, or a great Ventriloquist.

I should like to be refined-looking and melancholy, the victim of a hopeless passion; to love in the old, stilted way, with impossible Adoration and Despair under the pale-faced Moon.

I wish I could get up; I wish I were the world's greatest living Violinist. I wish I had lots of silver, and first Editions, and green ivory.

Felicidade

Jogadores de críquete nos gramados das aldeias, ceifeiros ao pôr do sol, pequenos barcos que navegam ao sabor do vento — tudo isso cria em mim a

ilusão da Felicidade, como se uma terra de prazer sem nuvens, um pedaço da antiga Idade do Ouro, estivesse escondida, não (como os poetas imaginaram), em mares distantes ou além de montanhas inacessíveis, mas aqui, bem perto, se alguém pudesse encontrá-la, em algum vale desconhecido. Certas trilhas gramadas parecem levar até lá, entre os prados; os pombos selvagens falam disso em meio aos bosques.

Happiness

Cricketers on village greens, haymakers in the evening sunshine, small boats that sail before the wind—all these create in me the illusion of Happiness, as if a land of cloudless pleasure, a piece of the old Golden World, were hidden, not (as poets have imagined), in far seas or beyond inaccessible mountains, but here close at hand, if one could find it, in some undiscovered valley. Certain grassy lanes seem to lead between the meadows thither; the wild pigeons talk of it behind the woods

O Correio Vespertino

O correio da aldeia, com seu relógio e sua caixa-postal, sua administradora perdida em contos de amor sobre duques desolados e infortúnios coroados, e o merceeiro de face descorada olhando de sua janela em frente são as cenas de uma crise diária em minha vida, quando todas as tardes eu ando lá pelas ruelas do campo e pergunto àquela jovem bem-educada por minhas cartas. Eu sempre espero boas notícias e cheques; e então, é claro, há a mágica Fortuna que está chegando, e sua palavra pode alcançar-me em qualquer dia.

O que é isso, essa estranha Felicidade, ou de onde ela virá, eu não tenho ideia; mas me apresso na manhã para encontrar a notícia na mesa do café, abro telegramas em pânico, encantado, e digo para mim mesmo: "eis aqui!", quando, à noite, ouço rodas se aproximando ao longo da estrada.

Assim, feliz na esperança da Felicidade, e não muito preocupado com qualquer outro interesse ou ambição, vivo em minha casa, quieta e ordeira; e assim viverei talvez até o fim. É, de fato, apenas a última grande intimação e revelação pela qual espero? Realmente não sei.

The Afternoon Post

The village Post Office, with its clock and letter-box, its postmistress lost in tales of love-lorn Dukes and coroneted woe, and the sallow-faced grocer watching from his window opposite, is the scene of a daily crisis in my life, when every afternoon I walk there through the country lanes and ask that well-read young lady for my letters. I always expect good news and cheques; and then, of course, there is the magical Fortune which is coming, and word of it may reach me any day.

What it is, this strange Felicity, or whence it shall come, I have no notion; but I hurry down in the morning to find the news on the breakfast table, open telegrams in delighted panic, and say to myself "Here it is !" when at night I hear wheels approaching along the road.

So, happy in the hope of Happiness, and not greatly concerned with any other interest or ambition, I live on in my quiet, ordered house; and so I shall live perhaps until the end. Is it, indeed, merely the last great summons and revelation for which I am waiting ? I do not know.

Os Pássaros

Mas como pode alguém labutar na grande tarefa com essa pressa e tumulto de pássaros pela janela aberta? Eu ouço o Tordo, e o Melro, aquele mentiroso romântico; e então a cadência delicada, a fina escala descendente da Camaxirra do salgueiro, ou a pauta da melodiosa música da Toutinegra. Todos esses são familiares - mas o que é essa voz desconhecida, essa nota excitada?

Corro para fora; a voz foge e eu a sigo; e quando retorno e me sento de novo para minha tarefa, a Escrevedeira trina sua canção sonolenta no calor do meio-dia; o zumbido do Verdilhão me acalenta com meditações oníricas. Então, de repente, de seus troncos e recessos da floresta chega o Pica-pau, e zomba de mim com uma voz insolente, plena de riso e liberdade.

Por que todos os pássaros do ar conspiram contra mim? Minha preocupação é com a triste Espécie Humana, com a prescrita e errônea Humanidade, não com aquela raça desatenciosa, errante, de cabeça emplumada.

The Birds

But how can one toil at the great task with this hurry and tumult of birds just outside the open window? I hear the Thrush, and the Blackbird, that romantic liar; then the delicate cadence, the wiry descending scale of the Willow-wren, or the Blackcap's stave of mellow music. All these are familiar — but what is that unknown voice, that thrilling note?

I hurry out; the voice flees and I follow; and when I return and sit down again to my task, the Yellowhammer trills his sleepy song in the noonday heat; the drone of the Greenfinch lulls me into dreamy meditations. Then suddenly from his tree-trunks and forest recesses comes the Green Woodpecker, and mocks at me an impudent voice full of liberty and laughter.

Why should all the birds of the air conspire against me? My concern is with the sad Human Species, with lapsed and erroneous Humanity, not with that inconsiderate, wandering, feather-headed race.

As Abelhas Ocupadas

Sentado por horas, ocioso à sombra de uma macieira, perto das colmeias do jardim e sob os caminhos aéreos daquelas mercadoras de mel - às vezes, quando o calor do meio-dia é alto para sua mínima indústria, ou quando formam multidões ao sol poente para seus longos trabalhos noturnos - procurei aprender com as Abelhas, e tentei apropriar-me da velha lição laboriosa.

E quem por direito devem ser os professores e quem os aprendizes? Para aqueles insetos irritadiços, sobrecarregados e utilitários, não havia nenhuma lição a ser-me tirada? Fitando-me com miríades de olhos de suas fábricas desalegres, elas não poderiam finalmente aprender — e eu não poderia finalmente ensiná-las — uma maneira mais sábia e generosa de aproveitar a hora brilhante?

The Busy Bees

Sitting for hours idle in the shade of an apple tree, near the garden-hives, and under the aerial thoroughfares of those honey-merchants — sometimes when the noonday heat is loud with their minute industry, or when they fall in crowds out of the late sun to their night-long labours — I have sought instruction from the Bees, and tried to appropriate to myself the old industrious lesson.

And yet, hang it all, who by rights should be the teachers and who the learners? For those peevish, over-toiled, utilitarian insects, was there no lesson to be derived from the spectacle of Me? Gazing out at me with myriad eyes from their joyless factories, might they not learn at last — might I not finally teach them — a wiser and more generous-hearted way to improve the shining hour?

Devaneio

Na fria e maliciosa sociedade em que vivo, nunca devo mencionar a Alma, nem falar de minhas aspirações. Se, alguma vez, deixar essas pessoas terem um vislumbre do lado superior da minha natureza, elas me farão em pedaços.

Eu gostaria de ter amigos expressivos - refinadas donzelas com ideais e narizes longos, que vivem em Hampstead ou Putney, e tocam Chopin com paixão. Em tristes tardes de outono, iria tomar chá com elas, e falar sobre o significado espiritual dos quartetos póstumos de Beethoven, ou discutir no crepúsculo a paixão² da vida e a Maior das Esperanças.

Daydream

In the cold and malicious society in which I live, I must never mention the Soul, nor speak of my aspirations. If I ever once let these people get a glimpse of the higher side of my nature, they would tear me in pieces.

I wish I had soulful friends — refined Maiden Ladies with ideals and long noses, who live at Hampstead or Putney, and play Chopin with passion. On sad autumn afternoons I would go and have tea with them, and talk of the spiritual meaning of Beethoven's posthumous quartettes, or discuss in the twilight the pathos of life and the Larger Hope.

A Busca

“Nós andamos sozinhos no mundo”, o Moralista, no final de seu ensaio sobre a amizade ideal, escreve um pouco triste: “Amigos, como nós desejamos, são sonhos e fábulas”. Mas nunca desistimos completamente da esperança de encontrá-los.

² *Pathos*, em grego, no original.

Mas que coisas horríveis nos acontecem? Que desprezos, que rejeições experimentamos, que vergonhas e decepções. Nunca podemos realmente prever o que essas novas pessoas desconhecidas podem nos fazer. Às vezes, parecem simpáticas, mas então começam a falar como gramofones. Às vezes, nos agarram com as mãos úmidas, ou respiram com ar quente em nossas nuças, ou fazem confidências horríveis, ou nos encharcam com baldes de lágrimas sentimentais. E com muita frequência, entre os pensamentos das cabeças mais adoráveis, nos deparamos com ninhos de lagartas lanosas.

No entanto, escovamos nossos chapéus, colocamos nossas luvas e saímos para tocar campainhas.

The Quest

"We walk alone in the world," the Moralist, at the end of his essay on Ideal Friendship, writes somewhat sadly, "Friends such as we desire are dreams and fables," Yet we never quite give up the hope of finding them.

But what awful things happen to us? what snubs, what set-downs we experience, what shames and disillusion. We can never really tell what these new unknown persons may do to us. Sometimes they seem nice, and then begin to talk like gramophones. Sometimes they grab at us with moist hands, or breathe hotly on our necks, or make awful confidences, or drench us from sentimental slop-pails. And too often, among the thoughts in the loveliest heads, we come on nests of woolly caterpillars.

And yet we brush our hats, pull on our gloves, and go out and ring door-bells.

Solidão

Não há, então, qualquer amigo? Ninguém que odeie Ibsen, peças problemáticas, o Sobrenatural, a Suíça e o Adultério, tanto quanto eu? Devo viver a vida inteira mudo como uma cavala, desacompanhado e não convidado, e nunca dizer a ninguém o que penso dos meus contemporâneos famosos? Devo sempre arar um sulco solitário e pisar sozinho o lagar?

Loneliness

Is there, then, no friend? No one who hates Ibsen and problem plays, and the Supernatural, and Switzerland and Adultery as much as I do? Must I live all

my life as mute as a mackerel, companionless and uninvited, and never tell anyone what I think of my famous contemporaries? Must I plough always a solitary furrow, and tread the winepress alone?

A Grande Obra

Sentado, caneta na mão, sozinho na quietude da biblioteca, com moscas zumbindo atrás das persianas ensolaradas, considerei em meus pensamentos qual deveria ser o tema da minha grande Obra.

Deveria reclamar da mutabilidade da Fortuna e contestar o Destino e as Constelações; ou deveria repreender o coração nunca satisfeito do Homem querelador, traçando contrastes elegantes entre a neve imaculada das montanhas, o brilho sereno das estrelas e nossas vidas quentes e febris e nossas lamúrias tolas?

Ou deveria confinar-me à denúncia dos Vícios contemporâneos, gritando "Que vergonha!" à Era, como Hamlet, desmascarando severamente suas hipocrisias e decifrando seus confortáveis Otimismos? Ou, como Jó, deveria questionar o Universo e intrincar meu triste cérebro a respeito da Vida — o significado da Vida neste Planeta em formato de maçã?

The Great Work

Sitting, pen in hand, alone in the stillness of the library, with flies droning behind the sunny blinds, I considered in my thoughts what should be the subject of my great Work.

Should I complain against the mutability of Fortune, and impugn Fate and the Constellations; or should I reprehend the never-satisfied heart of querulous Man, drawing elegant contrasts between the unsullied snow of mountains, the serene shining of stars, and our hot, feverish lives and foolish repinings ?

Or should I confine myself to denouncing contemporary Vices, crying "Fie!" on the Age with Hamlet, sternly unmasking its hypocrisies, and riddling through and through its comfortable Optimisms? Or with Job, should I question the Universe, and puzzle my sad brains about Life — the meaning of Life on this apple-shaped Planet?

Monotonia

Ah, estar o dia inteiro em um tranquilo mar de vidro; ouvir ao longo do dia chover no telhado, ou o vento nos pinheiros; sentar-se o dia todo perto de uma cachoeira lendo a "Rainha das Fadas", ou poemas persas requintados, artificiais e monótonos sobre um oásis onde é sempre primavera - onde rosas florescem, e amantes suspiram, e rouxinóis lamentam sem cessar, e grupos de figuras vestidas de branco sentam-se perto da água corrente e discutem o dia todo, e dia após dia, o Sentido da Vida.

Monotony

Oh, to be becalmed on a sea of glass all day; to listen all day to rain on the roof, or the wind in pine trees; to sit all day by a waterfall reading the 'Faërie Queene,' or exquisite, artificial, monotonous Persian poems about an oasis garden where it is always spring — where roses bloom, and lovers sigh, and nightingales lament without ceasing, and groups of white-robed figures sit by the running water and discuss all day, and day after day, the Meaning of Life.

A Aranha

Com o que devo compará-la, essa coisa fantástica que chamo de minha Mente? A uma cesta de lixo, a uma peneira entupida de sedimentos ou a um barril cheio de espuma flutuante e de refugo?

Não, com o que ela mais se parece é com uma teia de aranha, precariamente pendurada em folhas e gravetos, tremendo ao vento e salpicada de gotas de orvalho e moscas mortas. E em seu centro, ponderando eternamente o Problema da Existência, assenta-se imóvel a estranha Alma aracnídea.

The Spider

What shall I compare it to, this fantastic thing I call my Mind? To a waste-paper basket, to a sieve choked with sediment, or to a barrel full of floating froth and refuse?

No, what it is really most like is a spider's web, insecurely hung on leaves and twigs, quivering in every wind, and sprinkled with dewdrops and dead flies. And

at its centre, pondering forever the Problem of Existence, sits motionless the spider-like and uncanny Soul.

Caos

Pontual, corriqueiro, mantendo todos os compromissos, enquanto sigo meu caminho pelo mundo óbvio, conservam-se dentro de mim um pouco de Caos e da velha Noite; uma obscura perplexidade mental, um mar nebuloso de meditação; o assomo de universos especulativos vindos do nada, e seu colapso, como em um sonho.

Chaos

Punctual, commonplace, keeping all appointments, as I go my round in the obvious world, a bit of Chaos and old Night lingers on inside me; a dark bewilderment of mind, a nebulous sea of meditation; a looming of speculative universes out of nothing, and their collapse, as in a dream.

A Palavra Errada

Estávamos falando sobre o Universo durante o chá, e um dos nossos companheiros declarou que, pelo menos ele, era completamente desprovido de ilusões. Há muito tempo, havia enfrentado o fato de que a Natureza não simpatizava com nossas esperanças e medos, e era friamente indiferente ao nosso destino. O Universo, disse ele, era uma grande máquina sem sentido; o Homem, com sua razão e julgamentos morais, era o produto de forças cegas que, além disso, devia desprezar, embora o destruíssem muito cedo.

Suportar essa tragédia do nosso destino com impassível desespero,³ nunca retroceder ou abaixar a cabeça, confrontar os poderes hostis com elevado desdém, fixar com olhos de desprezo a face górgona do Destino, ficar à beira do abismo, cerrando os punhos para as estrelas pálidas como a morte - esta, disse ele, era a sua atitude, e produziu, como você pode imaginar, uma impressão poderosa nos companheiros. Quanto a mim, fui completamente sugestionado.

- 'Por Júpiter, isso é uma façanha!', gritei.

³ No sentido de “nada esperar” (N. da T.).

The Wrong Word

We were talking of the Universe at tea, and one of our company declared that he at least was entirely without illusions. He had long since faced the fact that Nature had no sympathy with our hopes and fears, and was icily indifferent to our fate. The Universe, he said, was a great meaningless machine; Man, with his reason and moral judgements, was the product of blind forces, which, though they would so soon destroy him, he must yet despise.

To endure this tragedy of our fate with passionless despair, never to wince or bow the head, to confront the hostile powers with high disdain, to fix with eyes of scorn the Gorgon face of Destiny, to stand on the brink of the abyss, clenching his fist at the death-pale stars—this, he said, was his attitude, and it produced, as you can imagine, a powerful impression on the company. As for me, I was carried away completely.

- 'By Jove, that is a stunt!' I cried.

Jantar Fora

Quando penso em Etiqueta e Funerais; quando considero os eufemismos, convenções e vários trajes com os quais investimos os atos de nossa existência animal; quando admito quão elegantemente comemos nossas vitualhas e me lembro de todas as abluções, preparações, saudações, exclamações e manipulações que realizei quando jantei fora ontem à noite, reflito sobre como somos criaturas cerimoniais; quão elaboradamente polida é nossa Espécie simiesca.

Dining Out

When I think of Etiquette and Funerals; when I consider the euphemisms and conventions and various costumes with which we invest the acts of our animal existence; when I bear in mind how elegantly we eat our victuals, and remember all the ablutions and preparations and salutations and exclamations and manipulations I performed when I dined out last evening, I reflect what creatures we are of ceremony; how elaborately polite a simian Species.

Equívoco

As pessoas muitas vezes parecem me confundir com alguém diferente; falam comigo como se eu fosse uma pessoa de visões sinceras e convicções inabaláveis. "Qual é a sua opinião sobre a democracia?", perguntam. "Você é a favor do Túnel do Canal da Mancha?", "Você acredita na existência após a morte?". Assumo uma atitude pensativa e, por meio de olhares sérios e respostas evasivas, escondo - ou pelo menos espero esconder - meu vergonhoso segredo.

Misapprehension

People often seem to take me for someone else; they talk to me as if I were a person of earnest views and unalterable convictions. "What is your opinion of Democracy"? they ask. "Are you in favour of the Channel Tunnel"? "Do you believe in existence after Death"? I assume a thoughtful attitude, and by means of grave looks and evasive answers, I conceal - or at least I hope I conceal - my discreditable secret.

Conforto

"As pessoas costumavam dizer que não há nada mais triste – lamentou-se ela - do que a lembrança da felicidade passada"; mas para ela parecia não ser a maneira como nos lembramos, e sim a maneira como nos esquecemos a verdadeira tragédia da vida. Tudo desaparece de nós; nossas alegrias e tristezas se dissipam igualmente no fluxo irrevogável; não podemos postergar sua fuga. "Eu não senti, queixou-se ela, a tristeza desse esquecimento, essa sobrevivência das coisas com as quais nos importamos, essa morte constante, por assim dizer, em meio à vida"?

Eu sentia muito essa tristeza; sentia-me bastante melancólico com isso. "E, no entanto, eu disse (pois eu realmente queria pensar em algo que pudesse consolar aquela lamentável senhora), e, no entanto, não podemos encontrar, nesse esvanecimento de recordações, alguma recompensa, afinal? Pense, por exemplo...". Mas, infelizmente, o que eu poderia sugerir?

"Pense", comecei mais uma vez após uma pausa de profunda consideração, "pense em esquecer, e ler, e reesquecer e reler todos os romances de Jane Austen!"

Comfort

"People often said that there was nothing sadder, She mourned, than the remembrance of past happiness"; but to her it seemed that not the way we remember, but the way we forget, was the real tragedy of life. Everything fades from us; our joys and sorrows vanish alike in the irrevocable flux; we can't stay their fleeting. "Didn't I feel, She moaned, the sadness of this forgetting, this outliving the things we care for; this constant dying, so to speak, in the midst of life"?"

I felt its sadness very much; I felt quite lugubrious about it. "And yet, I said (for I did really want to think of something that might console this lamentable lady), 'and yet can't we find, in this fading of recollection, some recompense, after all'?" "Think, for instance —.But what, alas, could I suggest"?"

"Think, I began once more after a pause of deep consideration, think of forgetting, and reading, and reforgetting and re-reading all Jane Austen's novels!"

De Caviar

"Você não tem vergonha de si mesmo"?, perguntou minha anfitriã, quando me encontrou sozinho na sala de jantar, depois que todos os demais convidados já se haviam retirado.

"Envergonhado? Por que deveria estar envergonhado"?, perguntei, enquanto continuava comendo. "Estou simplesmente seguindo os preceitos de Aristipo de Cirene, que assegura devermos viver inteiramente no momento presente, o único que existe, e no qual o Bem absoluto da vida está diante de nós. É somente considerando cada Momento como uma eternidade, sem antes ou depois, e selecionando calma e resolutamente, sem medo, paixão ou preconceito, o Bem que ele oferece - é somente assim, diz ele, que a Sabedoria se manifesta; somente assim, expliquei - enquanto pegava outro sanduíche de caviar -, "que os mortais podem participar da felicidade dos Deuses – os reluzentes Deuses, que se alimentam de felicidade para sempre".

Caviare

"Aren't you ashamed of yourself"?, asked my hostess, when she found me alone in the supper-room, after all the other guests had gone.

“Ashamed? Why should I be ashamed”? I asked, as I went on eating. “I am simply following the precepts of Aristippus of Cyrene, who maintains that we should live wholly in the present moment, which alone exists, and in which alone the absolute Good of life is before us. It's only by regarding each Moment as an eternity, with no before or after, and by calmly and resolutely culling, without fear, or passion, or prejudice, the Good it offers - it is only thus, he says, that Wisdom is made manifest; only thus,” I explained, as I took another caviare-sandwich, “that mortals can participate in the felicity of the Gods - the bright Gods, who feed on happiness for ever”.

A Vinda do Destino

Quando procuro as fontes dos meus pensamentos, descubro que eles tiveram seu início no frágil Acaso; nasceram de pequenos momentos que brilham, curiosamente para mim, no passado. Leve o impulso que me levou a fazer essa curva na encruzilhada, encontro trivial, fortuito, e leve como o delgado fio que primeiro me uniu ao meu amigo. Estes estão cheios de maravilhas; mais misteriosos são os momentos que devem ter-me acariciado com suas asas e passado por mim: quando o Destino acenou-me e não o vi, quando a nova Vida tremeu por um segundo no limiar; mas a palavra não foi dita, a mão não foi estendida, e o “poderia-ter-sido” estremeceu e desapareceu, enegrecido no reino desperdiçado da inexistência.

Por isso nunca perco a noção do encanto caprichoso e perigoso da vida cotidiana, com os seus encontros, palavras e acidentes. Pois, hoje, talvez, ou na próxima semana, eu possa ouvir uma voz, e, arrumando minha bolsa de Gladstone, segui-la até os confins do mundo.

The Coming of Fate

When I seek out the sources of my thoughts, I find they had their beginning in fragile Chance; were born of little moments that shine for me curiously in the past. Slight the impulse that made me take this turning at the crossroads, trivial and fortuitous the meeting, and light as gossamer the thread that first knit me to my friend. These are full of wonder; more mysterious are the moments that must have brushed me with their wings and passed me by: when Fate beckoned and I did not see it, when new Life trembled for a second on the threshold; but the

word was not spoken, the hand was not held out, and the Might-have-been shivered and vanished, dim as a into the waste realms of non-existence.

So I never lose a sense of the whimsical and perilous charm of daily life, with its meetings and words and accidents. Why, to-day, perhaps, or next week, I may hear a voice, and, packing up my Gladstone bag, follow it to the ends of the world.

Companheiras

Ela é a mais querida, linda e doce do meu séquito, aquela que reúne com delicada diligência pedaços de seda do mundo desolador para fazer o ninho macio do meu enfatuado repouso; a que sempre sussurra palavras melosas no meu ouvido, ou tropeça diante de mim segurando espelhos enganadores — é a Esperança, ou será antes a Vaidade, a que mais amo?

Companions

Dearest, prettiest, and sweetest of my retinue, who gather with delicate industry bits of silk and down from the bleak world to make the soft nest of my fatuous repose; who ever whisper honied words in my ear, or trip before me holding up deceiving mirrors - is it Hope, or is it not rather Vanity, that I love the best?

Meu Discurso

“Senhoras e senhores”, eu comecei - O Vigário presidia; a Sra. La Mountain e suas filhas sentavam-se frente a nós; e na pequena sala da escola, com seus mapas e grandes gravuras das Escrituras, sua lousa com os números do dia ainda nela visíveis, estavam reunidos os trabalhadores da aldeia, o velho cocheiro da família e sua esposa, o carteiro de um olho, e os jardineiros e meninos do Hall. Havendo escolhido algumas frases de jornais, tinha composto um discurso que proferi com espírito e eloquência surpreendentes até para mim mesmo, e que foi então recebido com entusiasmo. O Vigário gritou: "Ouçam, ouçam!", a esposa do Vigário bateu seu guarda-chuva com muita ênfase, e os moradores aplaudiram tão calorosamente que meu coração se aqueceu. Comecei a sentir o significado de minhas próprias palavras; eu me irradiava na audiência, sentia que todos ali eram irmãos, todos desejavam bem à República; e pareceu-me uma ocasião para expressar minhas ideias e esperanças reais para a Comunidade.

Passando, portanto, para um lado e, de fato, esquecendo completamente meus seguros princípios, comecei a reformular e a modelar o Estado. A maioria das instituições existentes foi logo abolida; e então, sobre suas ruínas, continuei a construir as brilhantes muralhas e palácios da Cidade dentro de mim - a Cidade que eu tinha lido em Platão. Com entusiasmo e eloquência - me elogio -, descrevi-lhes os Guerreiros, aquela raça de jovens dourados nascidos dos abraços ordenados pelo Estado dos bravos e justos; aqueles Guardiães filosóficos, que, estando sempre acostumados aos mais altos e extensos pontos de vista, e daí a contrair uma grandeza habitual, possuíam a mais veraz fortaleza, olhando realmente para baixo com uma espécie de desprezo sobre a vida humana e a morte. E então, declarando que o padrão desta Cidade estava estabelecido no Céu, sentei-me, entre os aplausos da pequena e desnorreada audiência.

E depois, em meus passeios pelas redondezas, quando vi nas paredes e nas portas dos celeiros, entre anúncios de vendas, ou regulamentos sobre ovos de pássaros ou os movimentos de porcos, pequenos avisos batidos pelo tempo, com aparência antiga, nos quais se dizia que eu "dirigiria a reunião," lembrei-me de como as muralhas e as torres da Cidade que eu havia construído naquela pequena sala de aula brilhavam sem luz celestial aos olhos do partido do Vigário.

My Speech

"Ladies and Gentlemen," I began—The Vicar was in the chair; Mrs. La Mountain and her daughters sat facing us; and in the little schoolroom, with its maps and large Scripture prints, its blackboard with the day's sums still visible on it, were assembled the labourers of the village, the old family coachman and his wife, the one-eyed postman, and the gardeners and boys from the Hall. Having culled from the newspapers a few phrases, I had composed a speech which I delivered with a spirit and eloquence surprising even to myself, and which was now enthusiastically received. The Vicar cried "Hear, Hear!", the Vicar's wife pounded her umbrella with such emphasis, and the villagers cheered so heartily, that my heart was warmed. I began to feel the meaning of my own words; I beamed on the audience, felt that they were all brothers, all wished well to the Republic; and it seemed to me an occasion to express my real ideas and hopes for the Commonwealth.

Brushing therefore to one side, and indeed quite forgetting my safe principles, I began to refashion and new-model the State. Most existing institutions were soon abolished; and then, on their ruins, I proceeded to build up the bright walls and palaces of the City within me—the City I had read of in Plato. With enthusiasm, and, I flatter myself, with eloquence, I described it all—the Warriors, that race of golden youth bred from the State-ordered embraces of the brave and fair; those philosophic Guardians, who, being ever accustomed to the highest and most extensive views, and thence contracting an habitual greatness, possessed the truest fortitude, looking down indeed with a kind of disregard on human life and death. And then, declaring that the pattern of this City was laid up in Heaven, I sat down, amid the cheers of the uncomprehending little audience.

And afterward, in my rides about the country, when I saw on walls and the doors of barns, among advertisements of sales, or regulations about birds' eggs or the movements of swine, little weather-beaten, old-looking notices on which it was stated that I would "address the meeting," I remembered how the walls and towers of the City I had built up in that little schoolroom had shone with no heavenly light in the eyes of the Vicar's party.

O Céu Estrelado

"Mas o que elas são realmente? O que elas dizem que são?" a pequena jovem me perguntou. Estávamos olhando para as estrelas, que tremiam naquela noite em esplêndidas hostes acima dos gramados e das árvores.

Então eu tentei explicar alguns dos pontos de vista que têm sido mantidos a seu respeito. Como as pessoas, primeiro de tudo, tinham pensado que eram meras velas colocadas no céu, para guiar seus próprios passos quando o sol se ia; até os homens sábios, sentados nas planícies da Caldéia, e observando-as com olhos envelhecidos, ficaram impressionados com a visão solene de que aquelas luzes brilhantes eram ainda as executoras dos decretos de Deus, e instrumentos irresistíveis de Sua ira; e que elas se moviam fatalmente entre suas casas celestes para ordenar e definir as fortunas e infortúnios de cada raça de mortais recém-nascidos. E assim acreditava-se que cada homem ou mulher tinha, desde o berço, lutado por ou contra ela, alguma grande Estrela, Formalhaut, talvez, Aldebarã ou Altair: enquanto grandes heróis e príncipes eram

mais esplendidamente escoltados, e marcharam para suas batalhas esquecidas com tropas e exércitos das Constelações celestes.

Mas essa nobre velha visão não era mais crível; as estrelas já não eram consideradas possuidoras de poderes malignos ou benéficos; e eu expliquei como as pessoas mais sérias pensavam que em algum lugar, embora não soubessem onde, acima da abóbada do Céu, deveria ser encontrado o lar final de homens e mulheres sinceros; onde, como recompensa por suas visões e condutas corretas, deveriam se alegrar para sempre, vestindo aqueles diamantes da noite estrelada dispostos em gloriosas coroas. Esta noção, no entanto, tinha sido contestada por Poetas e Amantes: era o Amor, segundo esses jovens astrônomos, que movia o Sol e outras Estrelas; as Constelações eram palácios celestes, onde pessoas que se adoravam deveriam encontrar-se e viver sempre juntas após a Morte.

Então falei da imensidão moderna e real dos céus insondáveis. Mas, de repente, o vasto significado das minhas palavras invadiu minha mente; senti-me encolhendo, caindo através do azul. E, no entanto, nesses segundos silenciosos, não senti no ar fresco e doce da noite o frio da morte ou do nada, mas o sabor e a alegria desta Terra, deste lote de terra semelhante a um pomar, flutuando desconhecido e longinquamente no espaço insondável, com sua Lua e seus campos.

The Starry Heaven

"But what are they really? What do they say they are?" the small young lady asked me. We were looking up at the Stars, which were quivering that night in splendid hosts above the lawns and trees.

So I tried to explain some of the views that have been held about them. How people first of all had thought them mere candles set in the sky, to guide their own footsteps when the Sun was gone; till wise men, sitting on the Chaldean plains, and watching them with aged eyes, became impressed with the solemn view that those still and shining lights were the executioners of God's decrees, and irresistible instruments of His Wrath; and that they moved fatally among their celestial Houses to ordain and set out the fortunes and misfortunes of each race of newborn mortals. And so it was believed that every man or woman had, from the cradle, fighting for or against him or her, some great Star, Formalhaut,

perhaps, Aldebaran, Altaïr: while great Heroes and Princes were more splendidly attended, and marched out to their forgotten battles with troops and armies of heavenly Constellations.

But this noble old view was not believed in now; the Stars were no longer regarded as malignant or beneficent Powers; and I explained how most serious people thought that somewhere—though just where they did not know—above the vault of Sky, was to be found the final home of earnest men and women; where, as a reward for their right views and conduct, they were to rejoice forever, wearing those diamonds of the starry night arranged in glorious crowns. This notion, however, had been disputed by Poets and Lovers: it was Love, according to these young astronomers, that moved the Sun and other Stars; the Constellations being heavenly palaces, where people who had adored each other were to meet and live always together after Death.

Tu Quoque Fontium⁴

Apenas sentar-me ao sol, aquecer-me como um animal em seu calor - esse é um dos meus passatempos no campo. E muitas vezes reflito sobre o que significa, afinal, estar vivo e sentado aqui, acima de todas as pessoas enterradas do mundo, sob a luz gentil e famosa do sol.

Além do pomar, há um lugar onde o riacho, saindo rapidamente debaixo de uma ponte, forma uma pequena e tranquila lagoa. Uma faia sustenta sua luz verde sobre a água azul; e ali, quando me canso do sol, o grande sol ofuscante e indiscriminado, posso encontrar sombra e ler meu livro. E, ouvindo as belas vozes dessa água, invento para ela epítetos requintados, chamando-a de prateada, com margens cobertas de musgo ou frequentada por ninfas, e prometo vagamente colocá-la entre as fontes e lagoas eruditas do mundo, transformando-a em um pensamento verde e fresco para os exilados ingleses na poeira e no brilho dos desertos orientais.

⁴ Tu também, Fonte.

Tu quoque Fontium

Just to sit in the Sun, to bask like an animal in its heat—this is one of my country recreations. And often I reflect what a thing after all it is still to be alive and sitting here, above all the buried people of the world, in the kind and famous Sunshine. Beyond the orchard there is a place where the stream, hurrying out from under a bridge, makes for itself a quiet pool. A beech-tree upholds its green light over the blue water; and there, when I have grown weary of the sun, the great glaring indiscriminating Sun, I can shade myself and read my book. And listening to this water's pretty voices I invent for it exquisite epithets, calling it silver-clean or moss-margined or nymph-frequented, and idly promise to place it among the learned fountains and pools of the world, making of it a cool green thought for English exiles in the dust and glare of Eastern deserts.

L'Oiseau Bleu⁵

O que é, já me perguntei mais de uma vez, que estou procurando em minhas caminhadas por Londres? Às vezes, parece-me que estou seguindo um pássaro, um pássaro brilhante que canta docemente enquanto voa de um lugar para outro. No entanto, quando me encontro entre pessoas de meia-idade e de princípios estabelecidos, vejo-as indo regularmente para seus escritórios — o que as mantém indo? Pergunto a mim mesmo. E sinto vergonha de mim e do meu pássaro.

Existe, porém, uma doutrina filosófica — estudei-a na faculdade e sei que muitas pessoas sérias acreditam nela — que sustenta que todos os homens, apesar das aparências e pretensões, vivem igualmente em busca do prazer. Essa teoria certamente aproxima muito de mim pessoas respeitáveis e corpulentas. Na verdade, com um sentimento de baixa cumplicidade, às vezes sigo e observo um bispo. Será que ele também está em busca do prazer, perseguindo solenemente seu pássaro?

⁵ Em francês, no original: o pássaro azul.

L'Oiseau Bleu

What is it, I have more than once asked myself, what is it that I am looking for in my walks about London? Sometimes it seems to me as if I were following a Bird, a bright Bird that sings sweetly as it floats about from one place to another.

When I find myself however among persons of middle age and settled principles, see them moving regularly to their offices—what keeps them going? I ask myself. And I feel ashamed of myself and my Bird.

There is though a Philosophic Doctrine—I studied it at College, and I know that many serious people believe it—which maintains that all men, in spite of appearances and pretensions, all live alike for Pleasure. This theory certainly brings portly, respected persons very near to me. Indeed with a sense of low complicity I have sometimes followed and watched a Bishop. Was he too on the hunt for Pleasure, solemnly pursuing his Bird?

Mamon⁶

Os moralistas e os Padres da Igreja chamaram-no de raiz de todo o mal, gerador de ódio e derramamento de sangue, causa certa da condenação da alma. Tem sido chamado de “lixo”, “sujeira”, “pilha de excremento” por autores sérios. Seu amor é denunciado em todas as Escrituras Sagradas; encontramos repreensões em tijolos caldeus e nos papiros mais antigos. Buda, Confúcio e Cristo a ele se opuseram; e, em tempos mais modernos, foram acompanhados por clérigos, professores de escola dominical e líderes do Pensamento Superior. Mas será que as condenações de todas as épocas fizeram alguma coisa para ofuscar esse brilho resplandecente? Os homens cavam cada vez mais fundo nas entranhas da terra, viajam em sua busca cada vez mais longe, até o Ártico e regiões desagradáveis.

Apesar de todas as minhas leituras morais, devo confessar que gosto de ter um pouco dessa substância espalhafatosa no meu bolso. Sua presença me anima e me conforta, difunde um calor agradável por todo o corpo. Meus olhos se alegram com seu brilho; seu som tilintante é música para meus ouvidos. Como estou a seu serviço remunerado e não rejeito nenhuma de suas recompensas,

⁶ Símbolo bíblico da riqueza material e do dinheiro, que os homens costumam divinizar.

também resido na Casa de Mamon. Curvo-me diante do Ídolo e saboreio o êxtase profano.

Quantos Altares foram derrubados, e quantas Teologias e Sonhos celestiais tiveram seus fundamentos destruídos, enquanto Ele permanecia ali sentado, um grande Deus, dourado e adornado, e seguro em Seu trono imóvel?

Mammon

Moralists and Church Fathers have named it the root of all Evil, the begetter of hate and bloodshed, the sure cause of the soul's damnation. It has been called "trash," "muck," "dunghill excrement," by grave authors. The love of it is denounced in all Sacred Writings; we find it reprehended on Chaldean bricks, and in the earliest papyri. Buddha, Confucius, Christ, set their faces against it; and they have been followed in more modern times by benefited Clergymen, Sunday School Teachers, and the leaders of the Higher Thought. But have the condemnations of all the ages done anything to tarnish that bright lustre? Men dig for it ever deeper into the earth's intestines, travel in search of it farther and farther to arctic and unpleasant regions.

In spite of all my moral reading, I must confess that I like to have some of this gaudy substance in my pocket. Its presence cheers and comforts me, diffuses a genial warmth through my body. My eyes rejoice in the shine of it; its clinkant sound is music in my ears. Since I then am in his paid service, and reject none of the doles of his bounty, I too dwell in the House of Mammon. I bow before the Idol, and taste the unhallowed ecstasy.

How many Altars have been overthrown, and how many Theologies and heavenly Dreams have had their bottoms knocked out of them, while He has sat there, a great God, golden and adorned, and secure on His unmoved throne?

Stonehenge

Eles ficam ali para sempre, no horizonte sombrio da minha mente, aquele círculo de Stonehenge de rostos idosos e reprovadores - rostos dos tios, dos professores e tutores que carranqueavam minha juventude.

No centro brilhante e na luz do sol, eu salto, eu brinco, eu danço minha dança; mas quando olho para cima, vejo que não se iludem. Pois nada jamais os

apazigua, nada jamais move aquele círculo de faces sombrias e desdenhosas para um olhar de aprovação.

Stonehenge

They sit there forever on the dim horizon of my mind, that Stonehenge circle of elderly disapproving Faces—Faces of the Uncles and Schoolmasters and Tutors who frowned on my youth.

In the bright centre and sunlight I leap, I caper, I dance my dance; but when I look up, I see they are not deceived. For nothing ever placates them, nothing ever moves to a look of approval that ring of bleak and contemptuous Faces.

O Som de uma Voz

Enquanto o pensativo baronete falava, e sua voz continuava a soar em meus ouvidos, toda a luz do desejo e do sol desapareceram da Terra; vi a vasta paisagem do mundo ensombrecer-se, como em um eclipse; suas populações comendo pão em lágrimas, seus homens ricos e apáticos sentados em seus palácios e reis idosos gritando soturnamente de seus tronos: “Vaidade, Vaidade, tudo é Vaidade”.

The Sound of a Voice

As the thoughtful Baronet talked, as his voice went on sounding in my ears, all the light of desire, and of the sun, faded from the Earth; I saw the vast landscape of the world dim, as in an eclipse; its populations eating their bread with tears, its rich men sitting listless in their palaces, and aged Kings crying "Vanity, Vanity, all is Vanity!" lugubriously from their thrones.

O Que Acontece

“Sim”, disse Sir Thomas, falando de um romance moderno, “certamente parece estranho, mas o romancista estava certo. Essas coisas realmente acontecem”.

“Mas, meu caro senhor”, exclamei, da maneira a mais rude possível, “pense no que é a vida - pense no que realmente acontece! Pois as pessoas de repente incham e ficam roxas; se enforcam em ganchos de carne; se afogam em

charcos, são atropeladas por carroças de açougueiros e queimadas vivas e cozidas como costeletas de carneiro”!

What Happens

"Yes," said Sir Thomas, speaking of a modern novel, "it certainly does seem strange; but the novelist was right. Such things do happen".

"But my dear Sir," I burst out, in the rudest manner, "think what life is—just think what really happens! Why people suddenly swell up and turn dark purple; they hang themselves on meat-hooks; they are drowned in horse-ponds, are run over by butchers' carts, and are burnt alive and cooked like mutton chops”!

Uma Precaução

O fólio oferecia longas consolações filosóficas para todos os males e infortúnios que, segundo o autor, são inseparáveis da existência humana - pobreza, naufrágios, pragas, decepções amorosas e inundações. Contra esses desastres antigos, armei minha alma; e achei melhor preparar-me contra outra calamidade antiga, inevitável, chamada “cornutação”, tendo ainda outros nomes menos eruditos.⁷ A filosofia ensinou que, afinal, não passava de uma dor baseada na vaidade, um golpe que não doía; a resposta do filósofo cínico a alguém que o repreendeu: “A culpa é minha ou dela?”; como Nevisanus⁸ aconselha ao sofredor, que se pergunte se não ofendeu ninguém; Jerônimo declara impossível preveni-la; poucos ou nenhum está a salvo, e os habitantes de alguns países, especialmente partes da África, consideram isso algo normal e natural; César, Pompeu, Augusto, Agamenon, Menelau, Marco Aurélio e muitos outros grandes reis e príncipes usaram o distintivo de Acteon; e como Filipe transformou isso em pilhéria, o imperador Pertinax não ajustou contas; Erasmo declarou que era melhor ignorá-la, não havendo outro remédio além da paciência, *Dies dolorem minuit*;⁹ o tempo e a idade devem curá-la; e, de acordo com as melhores autoridades, grades, ferrolhos, portas de carvalho e torres de

⁷ A palavra utilizada, “cornutation”, não existe em inglês. Logan angliciza e converte em substantivo o adjetivo “cornuto” italiano.

⁸ Giovanni Nevizzano (latinizado *Nevizanis* – falecido em 1540), jurista italiano autor, entre outras obras, de *Vida Nupcial* (*Silvae nuptialis*).

⁹ O dia reduz a dor.

bronze são coisas inúteis. “Ela é uma mulher”, como o velho pedante escreveu a um colega filósofo...

A Precaution

The folio gave at length philosophic consolations for all the ills and misfortunes said by the author to be inseparable from human existence - Poverty, Shipwreck, Plague, Love-Deceptions, and Inundations. Against these antique Disasters I armed my soul; and I thought it as well to prepare myself against another inevitable ancient calamity called "Cornutation," or by other less learned names. How Philosophy taught that after all it was but a pain founded on conceit, a blow that hurt not; the reply of the Cynic philosopher to one who reproached him, "Is it my fault or hers?"; how Nevisanus advises, the sufferer to ask himself if he have not offended; Jerome declares it impossible to prevent; how few or none are safe, and the inhabitants of some countries, especially parts of Africa, consider it the usual and natural thing; How Caesar, Pompey, Augustus, Agamemnon, Menelaus, Marcus Aurelius, and many other great Kings and Princes had all worn Actaeon's badge; and how Philip turned it to a jest, Pertinax the Emperor made no reckoning of it; Erasmus declared it was best winked at, there being no remedy but patience, Dies dolorem minuit; Time, Age must mend it; and how according to the best authorities, bars, bolts, oaken doors, and towers of brass, are all in vain. "She is a woman," as the old Pedant wrote to a fellow Philosopher....

Conchas Vazias

Eles jazem como conchas vazias nas margens do Tempo, os velhos mundos que o espírito do homem outrora construiu para sua habitação e depois abandonou. Esses pequenos universos centrados na Terra e incrustados no céu dos gregos e hebreus parecem bastante pitorescos para nós, que formamos, pensamento por pensamento, e de dentro para fora, o imenso Cosmos moderno em que vivemos - a grande Criação de granito, planejada em proporções tão imensuráveis e movida por um mecanismo tão impiedoso que, por vezes, assusta até mesmo seus próprios criadores. A corrida do grande Sol giratório nos intimida; pensar na distância das estrelas fixas nos confunde a mente.

Mas se o Ser efêmero que imaginou essas esferas e espaços eternos deve habitar quase como um estranho em sua vastidão gelada, que esplendor se

ilumina para ele e o deslumbra naqueles grandes salões! Qualquer coisa menos ilimitada seria agora uma prisão; e ele ousa até pensar além de seus limites, supor que um dia poderá crescer além desse vasto Mausoléu e lançar fora de si a Criação material como um tegumento muito estreito para sua Mente insolente.

Empty Shells

They lie like empty seashells on the shores of Time, the old worlds which the spirit of man once built for his habitation, and then abandoned. Those little earth-centred, heaven-encrusted universes of the Greeks and Hebrews seem quaint enough to us, who have formed, thought by thought from within, the immense modern Cosmos in which we live - the great Creation of granite, planned in such immeasurable proportions, and moved by so pitiless a mechanism, that it sometimes appals even its own creators. The rush of the great rotating Sun daunts us; to think to the distance of the fixed stars cracks our brain.

But if the ephemeral Being who has imagined these eternal spheres and spaces, must dwell almost as an alien in their icy vastness, yet what a splendour lights up for him and dazzles in those great halls! Anything less limitless would be now a prison; and he even dares to think beyond their boundaries, to surmise that he may one day outgrow this vast Mausoleum, and cast from him the material Creation as an integument too narrow for his insolent Mind.

O Mau Olhado

Empurrado pelo vento imperceptível em minha pequena vela sobre o raso estuário, deitei-me no barco, perdido no sonho da mera existência. A água fresca deslizava por meus dedos arrastados; e, inclinando-me, observava a areia que abaixo de mim deslizava, e as algas que languidamente oscilavam com o movimento do barco. Eu era a água fria, a areia deslizante e as algas oscilantes, eu era o mar, o céu e o sol, eu era todo o vasto Universo.

Então, entre meus olhos e o fundo arenoso, um rosto espelhado encarou-me, flutuando na película lisa de água sobre a qual eu deslizava. Sob o olhar daquele rosto tão familiar, mas também élfico e sinistro, minh'Alma imensurável desmoronou como um balão arruinado; encolhi-me tristemente de volta à minha identificada personalidade e sentei-me ali, em meu pequeno bote, sentindo-me desprezível, acalorado e muito enfasiado comigo mesmo.

The Evil Eye

Drawn by the unfelt wind in my little sail over the shallow estuary, I lay in my boat, lost in the dream of mere existence. The cool water glided through my trailing fingers; and leaning over, I watched the sands that slid beneath me, the weeds that languidly swayed with the boat's motion. I was the cool water, I was the gliding sand and the swaying weed, I was the sea and sky and sun, I was the whole vast Universe.

Then between my eyes and the sandy bottom a mirrored face looked up at me, floating on the smooth film of water over which I glided. At one look from that too familiar, and yet how sinister and goblin a face, my immeasurable Soul collapsed like a wrecked balloon; I shrank sadly back into my named personality, and sat there, shabby, hot, and very much bored with myself in my little boat.

Aparência e Realidade

É agradável perambular sob o sol da manhã e vagar sem rumo pelas ruas no verão.

Mas isso é verdadeiro?

Não me incomodam muito essas questões - os velhos enigmas da ética e da filosofia, que espreitam nas esquinas de Londres para me surpreender. A eles já me acostumei; e o mais intenso de todos, o maior problema da metafísica, que deixa perplexas as cabeças mais sábias deste planeta, tornou-se-me um companheiro bastante familiar. O que é a realidade? Pergunto a mim mesmo quase diariamente: como é que o Mundo Exterior existe, materializado no ar, além das minhas percepções? Esse espetáculo de ruas e céus, de polícias, carrinhos de bebê e duros pavimentos não passa de uma mera hipótese e fruto da imaginação, ou ali se conserva, invariável e imponente, quando deixo de olhar para ele?

Muitas vezes, enquanto passeio por Piccadilly ou Bond Street, agrada-me a noção berkeleiana¹⁰ de que a matéria não tem existência, que este mundo aparentemente tão sólido é apenas ideia, aparência - que sou transportado

¹⁰ George Berkeley, filósofo inglês (1685-1753), proponente do "imaterialismo" ou idealismo subjetivo.

suavemente pelo espaço dentro de uma imensa bolha de pensamentos, um sonho flutuante, diáfano e opalino.

Appearance and Reality

It is pleasant to saunter out in the morning sun and idle along the summer streets with no purpose.

But is it Right?

I am not really bothered by these Questions—the hoary old puzzles of Ethics and Philosophy, which lurk around the London corners to waylay me. I have got used to them; and the most formidable of all, the biggest bug of Metaphysics, the Problem which nonplusses the wisest heads on this Planet, has become quite a familiar companion of mine. What is Reality? I ask myself almost daily: how does the External World exist, materialized in mid-air, apart from my perceptions? This show of streets and skies, of policemen men and perambulators and hard pavements, is it nothing more than a mere hypothesis and figment of the Mind, or does it remain there, permanent and imposing, when I stop looking at it?

Often, as I saunter along Piccadilly or Bond Street, I please myself with the Berkeleian notion that Matter has no existence, that this so solid-seeming World is all idea, all appearance—that I am carried soft through space inside an immense Thought-bubble, a floating, diaphanous, opal-tinted Dream.

Longevidade

“Mas quando tiveres a minha idade”!, disse eu à jovem vestida de cetim rosa.

“Mas eu não sei quantos anos tens”, respondeu a jovem de rosa, quase maliciosamente. Estávamos nos dando bastante bem.

“Oh, sou infinitamente velho; a minha memória remonta quase ao infinito. Eu venho da Idade Média. Sou o selvagem primitivo de quem todos descendemos; acredito na adoração ao diabo e no poder das estrelas; danço sob a lua nova, nu, tatuado e pio. Sou um habitante das cavernas, contemporâneo dos mastodontes e mamutes; sou pleistocênico, eolítico, e cheio dos desejos e terrores das grandes florestas pré-glaciares. Mas isso não é nada; sou milhões de anos mais velho; sou um macaco arborícola, um babuíno idoso, com todos os seus instintos; sou um quadrúpede pré-simiano, tenho grandes garras, olhos que veem nas trevas e uma longa cauda preênsil”.

“Meu Deus”!, disse a jovem aterrorizada, vestida de cetim rosa. Então, virou-se e passou a conversar em voz baixa com sua outra vizinha.

Longevity

'But when you are as old as I am!' I said to the young lady in pink satin.

'But I don't know how old you are,' the young lady in pink answered almost archly. We were getting on quite nicely.

'Oh, I'm endlessly old; my memory goes back almost for ever. I come out of the Middle Ages. I am the primitive savage we are all descended from; I believe in Devil-worship and the power of the Stars; I dance under the new Moon, naked and tattooed and holy. I am a Cave-dweller, a contemporary of Mastodons and Mammoths; I am pleistocene and eolithic, and full of the lusts and terrors of the great pre-glacial forests. But that's nothing; I am millions of years older; I am an arboreal Ape, an aged Baboon, with all its instincts; I am a pre-simian quadruped, I have great claws, eyes that see in the dark, and a long prehensile tail.'

'Good gracious!' said the terrified young lady in pink satin. Then she turned away and talked in a hushed voice with her other neighbour.

No Ônibus

Sentado naquele ônibus lotado, tão triste, incrível e sórdida pareceu-me a cara gorda da mulher à minha frente que, entre nós, interpus-lhe o pensamento do Kilimanjaro, o pico mais alto da África; as encostas relvadas e os reinos arcádicos verdes dos reis negros, de onde se ergue seu cone escuro; as imensas e sombrias florestas, assombradas por elefantes, que revestem suas encostas e, acima, a coroa branca de neve, congelada em eterno isolamento, sobre as palmeiras e os desertos do equador africano.

In the Bus

As I sat inside that crowded bus, so sad, so incredible and sordid seemed the fat face of the woman opposite me, that I interposed the thought of Kilimanjaro, that highest peak of Africa, between us; the grassy slopes and green Arcadian realms of Negro kings from which its dark cone rises; the immense, dim, elephant-haunted forests which clothe its flanks, and above, the white crown of snow,

freezing in eternal isolation over the palm trees and deserts of the African Equator.

O Dito de um Poeta Persa

Toda essa pressa para me vestir e sair, essas viagens de táxi ou de trem, com a mala abarrotada, a partir de grandes estações ferroviárias - o que nos mantém em movimento, pergunto às vezes à minha Alma; e lembro-me de como, em suas “Masnavi I Ma'navi”, ou “Estâncias Espirituais”, Jalalu 'D-Din Muhammad Rumi nos diz que o enxame de pensamentos espalhafatosos que perseguimos e seguimos são efêmeros como insetos de verão, e devem todos ser mortos em breve pelo inverno da idade.

The Saying of a Persian Poet

All this hurry to dress and go out, these journeys in taxicabs, or in trains with my packed bag from big railway stations - what keeps us going, I sometimes ask my Soul; and I remember how, in his 'Masnavi I Ma'navi' or 'Spiritual Couplets,' Jalalu 'D-Din Muhammad Rumi tells us that the swarm of gaudy Thoughts we pursue and follow are short-lived like summer insects, and must all be killed before long by the winter of age.

Vício Mental

Há certos pensamentos banais que a mim se impõem; descubro que minha mente, especialmente em dias quentes, é invadida por platitudes morais. “Isso mostra...”, digo a mim mesmo, ou “Como isso é verdade...”, ou “Eu realmente deveria saber disso”! A visão de um grande relógio leva-me a refletir sobre a passagem do tempo; um barco a vapor no Tâmis, ou linhas telegráficas, sugerem, inevitavelmente, os benefícios da civilização, o triunfo do homem sobre a natureza, o heroísmo dos inventores, a coragem, em meio ao ridículo e à pobreza, de Stephenson e Watt. Como odores fracos, mas um tanto desagradáveis, esses pensamentos pairam nas estações ferroviárias. Mal consigo enviar uma carta sem me maravilhar com a excelência e a precisão do sistema postal.

Depois, o orgulho que me invade pela Constituição e a Liberdade britânicas quando vejo, mesmo à distância, as torres do Palácio de Westminster - não é

muito reconfortante que isso seja refreado, enquanto caminho pelo *Embankment*,¹¹ pela visão da Agulha de Cleópatra e pelo pensamento de que ela, sem dúvida, testemunhará a queda dos britânicos, como testemunhou a de outros impérios, permanecendo para apontar sua moral, tão antiga quanto o Egito, aos antípodas que meditam sobre as pontes em ruínas.

Às vezes, tenho medo de descobrir que há uma moral para tudo; que toda a grande estrutura do Universo possui uma chave, como uma caixa; foi concebida e colocada em funcionamento por um Criador bem-intencionado, mas monótono, do século XVIII. Seria uma espécie de Inferno, certamente, um mundo em que tudo pudesse ser explicado de imediato, mostrado como óbvio e útil. Estou farto de lições e alegorias; cansado de formigas censoras, de abelhas industriosas e de animais pregadores. Os benefícios da civilização me saturam. Já vi brilhar suficientemente o Sol didático.

Assim, contemplando as estrelas de Londres nas noites quentes de verão, refresco os meus pensamentos com uma visão do vertiginoso, infinito e insensato desperdício da Criação, dos sóis ardentes, dos planetas e luas geladas, todos colidindo cegamente e para sempre através do espaço vazio.

Mental Vice

There are certain hackneyed Thoughts that will force themselves on me; I find my mind, especially in hot weather, buzzed about by moral Platitudes. 'That shows—' I say to myself, or, 'How true it is—' or, 'I really ought to have known!' The sight of a large clock sets me off into musings on the flight of Time; a steamer on the Thames or lines of telegraph inevitably suggest the benefits of Civilization, man's triumph over Nature, the heroism of Inventors, the courage amid ridicule and poverty, of Stephenson and Watt. Like faint, rather unpleasant smells, these thoughts lurk about railway stations. I can hardly post a letter without marvelling at the excellence and accuracy of the Postal System.

Then the pride in the British Constitution and British Freedom, which comes over me when I see, even in the distance, the Towers of Westminster Palace—it is not much comfort that this should be chastened, as I walk down the Embankment, by the sight of Cleopatra's Needle, and the Thought that it will no doubt witness

¹¹ As calçadas e ruas ribeirinhas do Tâmis, construídas por projeto de Joseph Bazalgette nas décadas de 1860-70 para contenção do rio, recuperação de terras, sistemas de esgoto e tráfego urbano.

the Fall of the British, as it has that of other Empires, remaining to point its Moral, as old as Egypt, to Antipodeans musing on the dilapidated bridges.

I am sometimes afraid of finding that there is a moral for everything; that the whole great frame of the Universe has a key, like a box; has been contrived and set going by a well-meaning but humdrum Eighteenth-century Creator. It would be a kind of Hell, surely, a world in which everything could be at once explained, shown to be obvious and useful. I am sated with Lesson and Allegory; weary of monitory ants, industrious bees, and preaching animals. The benefits of Civilization cloy me. I have seen enough shining of the didactic Sun.

So gazing up on hot summer nights at the London stars, I cool my thoughts with a vision of the giddy, infinite, meaningless waste of Creation, the blazing Suns, the Planets and frozen Moons, all crashing blindly for ever across the void of space.

Humilhação

“Em minha opinião”, comecei, mas ninguém me ouviu. Na pausa seguinte, “Eu sempre digo”, comentei, mas novamente a conversa alta prosseguiu. Alguém contou uma história. Quando os risos terminaram, “Costumo pensar...”; mas, olhando ao redor da mesa, não consegui flagrar nenhum olhar amigável ou animado. Foi humilhante, e mais humilhante ainda foi pensar que Sófocles e Goethe sempre teriam chamado a atenção, enquanto a falta dela não teria incomodado Spinoza nem Abraham Lincoln.

Humiliation

“My own view is”, I began, but no one listened. At the next pause, “I always say”, I remarked, but again the loud talk went on. Someone told a story. When the laughter had ended, “I often think”; but looking around the table I could catch no friendly, no quickening eye. It was humiliating, but more humiliating the thought that Sophocles and Goethe would have always commanded attention, while the lack of it would not have troubled Spinoza, nor Abraham Lincoln.

Onde é que eu entro?

Quando leio no Times sobre a Índia e todos os seus problemas e populações; quando vejo as cartas em letras grandes de personalidades importantes e me

vejo cara a cara com as questões, movimentos e as grandes atividades da era, “Onde é que eu entro”?, pergunto-me inquieto.

Então, no grande mundo refletido pelo Times, encontro o canto onde desempenho o meu papel humilde, mas necessário. Pois sou um dos milhões não elogiados e nem recompensados, sem os quais a estatística seria uma ciência falida. Somos nós que nascemos, nos casamos e morremos em proporções constantes; que perdemos regularmente tantos guarda-chuvas e enviamos tantas cartas sem endereço todos os anos. E há entusiastas entre nós, heróis que, sem a menor preocupação com a sua própria conveniência, permitem que os ônibus os atropelem ou se atiram, com grande coragem, mês após mês, em números regulares, das pontes de Londres.

Where Do I Come In?

When I read in the Times about India and all its problems and populations; when I look at the letters in large type of important personages, and find myself face to face with the Questions, Movements, and great Activities of the Age, “Where do I come in”? I ask uneasily.

Then in the great Times-reflected world I find the corner where I play my humble but necessary part. For I am one of the unpraised, unrewarded millions without whom Statistics would be a bankrupt science. It is we who are born, who marry, who die, in constant ratios; who regularly lose so many umbrellas, post just so many unaddressed letters every year. And there are enthusiasts among us, Heroes who, without the least thought of their own convenience, allow omnibuses to run over them, or throw themselves, great-heartedly, month by month, in fixed numbers, from the London bridges.

Beleza

Entre todas as caras feias do mundo, vemos de vez em quando um rosto feito segundo o padrão divino. Então, algo maravilhoso acontece: o Pássaro Azul canta, o Esplendor dourado brilha e, por um estranho momento, tudo parece sem sentido, exceto o nosso impulso de seguir essas justas formas, de segui-las até os paraísos claros que elas prometem.

Platão assegura-nos que esses momentos não são (como tendemos a pensar) meros borrões e ilusões dos sentidos, mas revelações divinas; que num

rosto adorável vemos refletida, como num espelho, a Beleza Absoluta - é a Realidade, brilhando sobre nós na caverna onde habitamos entre sombras e trevas. Portanto, devemos seguir essas justas formas, diz ele, e os seus passos brilhantes nos levarão para o céu mais alto da Sabedoria. Os poetas também continuam a cantar essa doutrina da Beleza em notas graves nas suas cordas douradas. A música flutua pelos céus tão doce, tão estranha, que os próprios anjos parecem inclinar-se das suas estrelas para ouvir.

Mas, ó Platão, ó Shelley, ó anjos do céu, em que apuros, em que apuros vocês nos metem!

Beauty

Among all the ugly mugs of the world we see now and then a face made after the divine pattern. Then, a wonderful thing happens: the Blue Bird sings, the golden Splendour shines, and for a queer moment everything seems meaningless save our impulse to follow those fair forms, to follow them to the clear Paradises they promise.

Plato assures us that these moments are not (as we are apt to think them) mere blurs and delusions of the senses, but divine revelations; that in a lovely face we see imaged, as in a mirror, the Absolute Beauty—; it is Reality, flashing on us in the cave where we dwell amid shadows and darkness. Therefore we should follow these fair forms, says he, and their shining footsteps will lead us upward to the highest heaven of Wisdom. The Poets, too, keep chanting this doctrine of Beauty in grave notes to their golden strings. The music floats up through the skies so sweet, so strange, that the very Angels seem to lean from their stars to listen.

But, O Plato, O Shelley, O Angels of Heaven, what scrapes, what scrapes you do get us into!

O Poder das Palavras

Agradei ao porteiro do clube que me ajudou a vestir o casaco e saí alegremente para a vasta noite. Enquanto caminhava, meus olhos se deslumbravam com o brilho atrás de mim; ouvi o som da minha própria voz, os aplausos e as risadas.

E quando olhei para as estrelas, as grandes estrelas que me faziam companhia, fluindo sobre as casas escuras enquanto eu me movia, senti que era o Senhor da Vida; o mistério e a inquietante insensatez da existência — a existência de outras pessoas e a minha própria — estavam agora resolvidos para mim. Quanto à Terra, correndo sob os meus pés, quão brilhante era a sua jornada; quão resplandecente era o objetivo para o qual se dirigia, balançando — pode-se realmente dizer saltando — pelo céu.

“Tenho de contar isso à raça humana”!, ouvi de minha voz; vi os meus gestos proféticos, enquanto expunha o significado último da existência aos rostos brancos e extasiados da humanidade. Só que encontrar as palavras - isso me incomodava; não haveria então palavras para descrever essa Visão - divina - inebriante?

E então a Palavra me ocorreu; a Palavra que as pessoas usariam. Parei na rua; minha Alma silenciou-se como um sino que resmunga ao toque dissonante. Fiquei ali por um tempo e meditei sobre a linguagem, sua perfídia mesquinha, a inadequação, a ignomínia do nosso vocabulário, e como os moralistas estragaram as nossas palavras, nelas destilando, como se fossem pequenos frascos de veneno, todo o seu ódio pela alegria humana.

Fora com esse policiamento de palavras brutais que invade os nossos melhores momentos e prende os nossos melhores sentimentos! Esta música dentro de mim, grande como o canto das estrelas — como uma glória de anjos cantores — “Ninguém tem qualquer direito de dizer que estou bêbado”!, gritei.

The Power of Words

I thanked the club porter who helped me into my coat, and stepped out gayly into the vasty Night. And as I walked along my eyes were dazzling with the glare behind me; I heard the sound of my speech, the applause and laughter.

And when I looked up at the Stars, the great Stars that bore me company, streaming over the dark houses as I moved, I felt that I was the Lord of Life; the mystery and disquieting meaninglessness of existence - the existence of other people, and of my own - were solved for me now. As for the Earth, hurrying beneath my feet, how bright was its journey; how shining the goal toward which it went swinging - you might really say leaping - through the sky.

'I must tell the Human Race of this!' I heard my voice; saw my prophetic gestures, as I expounded the ultimate meaning of existence to the white, rapt faces of Humanity. Only to find the words - that troubled me; were there then no words to describe this Vision – divine - intoxicating?

And then the Word struck me; the Word people would use. I stopped in the street; my Soul was silenced like a bell that snarls at a jarring touch. I stood there awhile and meditated on language, its perfidious meanness, the inadequacy, the ignominy of our vocabulary, and how Moralists have spoiled our words by distilling into them, as into little vials of poison, all their hatred of human joy.

Away with that police-force of brutal words which bursts in on our best moments and arrests our finest feelings! This music within me, large, like the song of the stars - like a Glory of Angels singing,- "No one has any right to say I am drunk"! I shouted.

Autoanálise

"Sim, não são estranhos esses pensamentos que flutuam pela mente de alguém sem motivo? Mas por que não ser franco? Eu suponho que os melhores de nós ficam chocados às vezes pelas coisas que nos pomos a pensar. Você não concorda"?, continuei, não percebendo (até ser tarde demais) que toda a outra conversa havia cessado, e todo o festivo jantar estava ouvindo, "você não concorda que os mais estranhos de todos são os pensamentos obscenos que nos vêm à cabeça - as palavras impronunciáveis, quero dizer, e Obscenidades"?

Quando me lembro desta ocasião, imediatamente penso no Espaço, e na insignificância da vastidão sem medida do nosso sistema solar de brinquedo; perco-me em especulações sobre a Eternidade, refletindo como, no melhor dos casos, a vida humana, neste diminuto e perecível planeta, é apenas um episódio ridículo e simulado, tão breve quanto um sonho.

Self-analysis

"Yes, aren't they odd, the thoughts that float through one's mind for no reason? But why not be frank? - I suppose the best of us are shocked at times by the things we find ourselves thinking. Don't you agree"? I went on, not noticing (until it was too late) that all other conversation had ceased, and the whole dinner-party

was listening, "don't you agree that the oddest of all are the bawdy thoughts that come into one's head - the unspeakable words, I mean, and Obscenities"? When I remember this occasion, I immediately think of Space, and the unimportance in its unmeasured vastness of our toy solar system; I lose myself in speculations on Eternity, reflecting how, at the best, human life on this minute and perishable planet is but a mock episode, as brief as a dream.

A Voz do Mundo

"E o que você está fazendo agora"? foi a pergunta desses meus contemporâneos da escola, e sua saudação no outro dia em Piccadilly (lembro-me de como me senti mal enquanto falava com eles). Por um dia ou dois essa pergunta me assombrou. E por trás de suas vozes bem-educadas, pareceu-me ouvir a voz dos Mestres de Escola e dos Tutores das Classes Profissionais e, na verdade, de todo o Mundo.

O que eu estava fazendo de fato? Como passava meus dias? Os dias de vida que eu sabia estavam contados, e foram descritos em sermões e em lápides como irrevogáveis, melancolicamente breves.

Decidi mudar a minha vida. Eu também seria alguém no meu tempo e idade; o mundo ouviria falar de mim; meus contemporâneos deveriam me tratar como uma pessoa importante. Comecei a pensar nos meus esforços, em meus estudos à luz da lâmpada notívaga, no levantar-me com a aurora para horas roubadas de autoaperfeiçoamento.

Mas, infelizmente, o Dia, o pequeno Dia, foi suficiente então. De alguma forma, apenas estar vivo parecia-me suficiente na Primavera, com o verde jovem das árvores, o cheiro de fumaça no sol; eu amava as lojas antigas e os livros, o tumulto decaindo e ressurgindo na luz do dia já gasto. Apenas uma série de rostos bonitos - eu sempre estava à procura de rostos - me manteria entretido. Toda a Londres era apenas um palco com pouca luz, no qual eu fazia a parte de que gostava. Eu iria acordar de manhã como Byron para me encontrar famoso; ser atraído como Chatham a *Saint Paul*, em meio aos aplausos do país, e exclamar com Cromwell: "Confisquem essa bugiganga", enquanto passasse com passos firmes pelas Casas do Parlamento.

The Voice of the World

"And what are you doing now"? The question of these school contemporaries of mine, and their greeting the other day in Piccadilly (I remember how shabby I felt as I stood talking to them) - for a day or two that question haunted me. And behind their well-bred voices I seemed to hear the voice of Schoolmasters and Tutors, of the Professional Classes, and indeed of all the World.

What, as a plain matter of fact, was I doing? how did I spend my days? The life-days which I knew were numbered, and which were described in sermons and on tombstones as so irrevocable, so melancholy-brief.

I decided to change my life. I too would be somebody in my time and age; the world should hear of me; my contemporaries should treat me as an important person. I began thinking of my endeavours, my studies by the midnight lamp, my risings at dawn for stolen hours of self-improvement.

But alas, the Day, the little Day, was enough just then. It somehow seemed enough, just to be alive in the Spring, with the young green of the trees, the smell of smoke in the sunshine; I loved the old shops and books, the uproar darkening and brightening in the shabby daylight. Just a run of good-looking faces—I was always looking for faces—would keep me amused. All London was but a dim-lit stage on which I played the part I liked. I would wake up in the morning like Byron to find myself famous; be drawn like Chatham to St. Paul's, amid the cheers of the Nation, and exclaim with Cromwell, 'Take away that bauble!' as I stalked past the Houses of Parliament.

Desejos

Essas extravagantes e absurdas fantasias minhas - pequenas curiosidades, também gananciosas, e impulsos para beijar e tocar e arrebatrar, e todos os vaidosos e toscos desejos que se aninham e cantam em meu coração como pássaros em um arbusto - todos eles, agora nos é dito, são uma herança do nosso passado pré-humano, e nasceram há muito tempo em pântanos e florestas antiquíssimas. Mas, e daí? Gosto de compartilhar as delícias mudas dos pássaros e animais, sentir minha vida extraindo sua seiva de raízes profundas no solo da Natureza. Estou orgulhoso desses antepassados de olhos

brilhantes, peludos, de quatro patas ou escamosos, e não me envergonho de meus primos, os Macacos, os Pavões e os Tigres listrados.

Desires

These exquisite and absurd fancies of mine - little curiosities, and greedinesses, and impulses to kiss and touch and snatch, and all the vanities and artless desires that nest and sing in my heart like birds in a bush - all these, we are now told, are an inheritance from our prehuman past, and were hatched long ago in very ancient swamps and forests. But what of that? I like to share in the dumb delights of birds and animals, to feel my life drawing its sap from roots deep in the soil of Nature. I am proud of those bright-eyed, furry, four-footed or scaly progenitors, and not at all ashamed of my cousins, the Apes and Peacocks and streaked Tigers.

Eles

Seus gostos são requintados; Eles vivem em casas paladianas, em um mundo de marfim e porcelana chinesa, de alvenaria antiga e pilastras de pedra. Eu os vejo em salões brancos, ou em prados azuis povoados de pássaros. Eles falam agradavelmente de mim, e seus olhos me observam. Da imagem diminuída, ridícula de mim mesmo que o reflexo do mundo me oferece, volto-me para o conforto, para a felicidade de minha imagem no espelho bondoso daqueles olhos.

Quem são Eles? Onde, em que paraíso ou palácio, Os encontrarei? Posso andar por todas as ruas, tocar todas as campainhas do mundo, mas nunca Os encontrarei. No entanto, nada tem valor para mim, salvo em Sua elevada aprovação; por Sua vinda - que nunca ocorrerá - eu construo e planto, e só para Eles escrevo secretamente este Livro, que nunca lerão.

They

Their taste is exquisite; They live in Palladian houses, in a world of ivory and precious china, of old brickwork and stone pilasters. In white drawing-rooms I see Them, or on blue, bird-haunted lawns. They talk pleasantly of me, and Their eyes watch me. From the diminished, ridiculous picture of myself which the glass of

the world gives me, I turn for comfort, for happiness to my image in the kindly mirror of those eyes.

Who are They? Where, in what paradise or palace, shall I ever find Them? I may walk all the streets, ring all the door-bells of the World, but I shall never find Them. Yet nothing has value for me save in the crown of Their approval; for Their coming—which will never be - I build and plant, and for Them alone I secretly write this Book, which They will never read.

Lorde Arden

“Se eu fosse Lorde Arden”, disse o Vigário, “eu fecharia essa grande casa; é muito grande - o que pode um jovem homem solteiro...”?

“Se eu fosse Lorde Arden”, disse a esposa do Vigário (e o tom da Sra. La Mountain mostrou o quanto ela desaprovava aquele jovem nobre), “se eu fosse Lorde Arden, eu iria morar ali, e cumprir meu dever para com meus inquilinos e vizinhos”.

“Se eu fosse Lorde Arden”, disse eu; mas então houve um brilho vívido em minha mente; suponha que eu realmente fosse este jovem Lorde Sardanapalesco? Esqueci-me completamente a quem estava falando; o Moralista dentro de mim deixou de funcionar; minha memória ecoou os nomes dos povos que tinham sido famosos para seus enormes prazeres; que haviam feito seus palácios ruidosos com festividades culposas, e acalmado seu orgulho com pirâmides, obeliscos e túmulos de meio acre. Minha mente iluminou-se com o pensamento de tais Audácias. “Se eu fosse Lorde Arden”! gritei...

Lord Arden

“If I were Lord Arden”, said the Vicar, “I would shut up that great House; it's too big - what can a young unmarried man...”?

“If I were Lord Arden”, said the Vicar's wife (and Mrs. La Mountain's tone showed how much she disapproved of that young nobleman), “if I were Lord Arden, I would live there, and do my duty to my tenants and Neighbours”.

“If I were Lord Arden”, I said; but then it flashed vividly into my mind; suppose I really were this Sardanapalian young Lord? I quite forgot to whom I was talking; the Moralist within ceased to function; my memory echoed with the names of people who had been famous for their enormous pleasures; who had made loud

their palaces with guilty revels, and with Pyramids, Obelisks, and half-acre Tombs, had soothed their Pride. My mind kindled at the thought of these Audacities. "If I were Lord Arden"! I shouted....

O Correto

Às vezes sou visitado por uma suspeita de que nem tudo está bem com o Justo; que a Lei Moral fala em tons estranhamente equívocos para aqueles que escutam mais escrupulosamente seus ditames. Tenho certeza de que detectei um olhar de apreensão nos olhos dos seus defensores mais sinceros.

Mas não há tal sombra ou nuvem sobre os rostos postados nas janelas do Clube, ou nos olhos dos cocheiros, ou de jovens elegantes andando por Piccadilly. Pois esses guardiães vivem por uma Regra que não foi removida de céus questionáveis, e não precisa de sanção. O que eles fazem é correto, e isso é tudo. Corretamente vestidos da cabeça aos pés, eles passam, com pensamentos e gestos corretos, trocando observações corretas, corretamente pela rotundidade da Terra.

The Correct

I am sometimes visited by a suspicion that everything isn't quite all right with the Righteous; that the Moral Law speaks in oddly equivocal tones to those who listen most scrupulously for its dictates. I feel sure I have detected a look of misgiving in the eyes of its more earnest upholders.

But there is no such shadow or cloud on the faces in Club windows, or in the eyes of drivers of four-in-hands, or of fashionable young men walking down Piccadilly. For these Guardsmen live by a Rule which has not been drawn down from questionable skies, and needs no sanction. What they do is Correct, and that is all. Correctly dressed from head to foot, they pass, with correct thought and gestures, exchanging correct remarks, correctly across the Earth's roundness.

Oxford Street

Em uma tarde de fim de inverno, na Oxford Street, em meio ao ruído dos veículos e das vozes que enchiam aquela via escura, enquanto eu era levado adiante com a multidão passando pelas grandes lojas iluminadas eletricamente, uma santa Indiferença encheu meus pensamentos. A ilusão havia desaparecido

de mim; eu não era tocado por qualquer desejo pelos bens exibidos naquelas janelas douradas, nem tinha a menor participação nos apetites e medos de todos aqueles rostos em movimento. E enquanto eu ouvia com indiferença oriental o tráfego de Londres, seu som mudou em algo antigo, dissonante e triste - no fluxo turbido daquela corrente de Desejo que varre os homens através dos ciclos sem sentido da Existência, cegos e escravizados para sempre. Mas eu tinha alcançado a costa mais distante, o Porto da Libertação, a Cidade Santa; a Grande Paz além de toda essa agitação e angústia me rodeava. *Om Mani padme hum* - Murmurei as sílabas sagradas, sorrindo com o sorriso piedoso do Iluminado em seu lótus celestial.

Então, em uma vitrine, vi uma maleta bem dividida e sob medida. Gostei da maleta e a quis. Imediatamente fui envolvido pelas névoas da Ilusão, acorrentado mais uma vez à Roda da Existência, rodopiando ao longo de Oxford Street naquela turbida corrente de crença errada, de luxúria, de tristeza e de raiva.

Oxford Street

One late winter afternoon in Oxford Street, amid the noise of vehicles and voices that filled that dusky thoroughfare, as I was borne onward with the crowd past the great electric-lighted shops, a holy Indifference filled my thoughts. Illusion had faded from me; I was not touched by any desire for the goods displayed in those golden windows, nor had I the smallest share in the appetites and fears of all those moving faces. And as I listened with Asiatic detachment to the London traffic, its sound changed into something ancient and dissonant and sad—into the turbid flow of that stream of Craving which sweeps men onward through the meaningless cycles of Existence, blind and enslaved for ever. But I had reached the farther shore, the Harbour of Deliverance, the Holy City; the Great Peace beyond all this turmoil and fret compassed me around. Om Mani padme hum - I murmured the sacred syllables, smiling with the pitying smile of the Enlightened One on his heavenly lotus.

Then, in a shop-window, I saw a neatly fitted suit-case. I liked that suit-case; I wanted it. Immediately I was enveloped by the mists of Illusion, chained once more to the Wheel of Existence, whirled onward along Oxford Street in that turbid stream of wrong-belief, and lust, and sorrow, and anger.

Terror

Uma pausa se fez repentinamente em nossa conversa - um daqueles lapsos desconfortáveis quando nos sentamos com sorrisos fixos, procurando em nossas mentes por algum comentário com o qual preencher o silêncio inoportuno. Foi apenas um momento. - "Mas suponha", disse a mim mesmo, com horrível curiosidade, "suponha que nenhum de nós houvesse encontrado uma palavra para dizer"?

É o pavor de Algo acontecendo, Algo monstruosamente terrível, que nos leva a fazer qualquer coisa para que a cintilação da fala não morra. Assim como os viajantes noturnos, em uma floresta desconhecida, mantêm seu fogo aceso, com medo de Feras Selvagens espreitando na escuridão e prontas para lhes pular em cima.

Terror

A pause suddenly fell on our conversation - one of those uncomfortable lapses when we sit with fixed smiles, searching our minds for some remark with which to fill up the unseasonable silence. It was only a moment. - "But suppose", I said to myself with horrible curiosity, 'suppose none of us had found a word to say'? It is the dread of Something happening, Something monstrously awful, that makes us do anything to keep the flicker of talk from dying out. So travellers at night in an unknown forest keep their fire ablaze, in fear of Wild Beasts lurking in the darkness ready to leap upon them.

O Prefeito

Soprava um vento ártico, que me transia enquanto ali estive. O engraxate terminara seu trabalho e suas reclamações.

"Mas eu deveria ser feliz, senhor, se eu pudesse ganhar quatro xelins por dia", disse ele.

Olhei-o; parecia absurda a crença desta criatura aleijada e meio congelada. Felicidade! o fabuloso tesouro de algum distante céu; não para ser comprado com ouro, não o desta terra!

Eu disse algo a esse respeito. Mas quatro xelins por dia eram suficientes para o engraxate.

"Porque, senhor", ele disse, "eu deveria ser tão feliz como o Prefeito!"

The Lord Mayor

An arctic wind was blowing; it cut through me as I stood there. The boot-black was finishing his work and his complaints.

"But I should be 'appy, sir, if only I could make four bob a day", he said.

I looked down at him; it seemed absurd, the belief of this crippled, half-frozen creature. Happiness! the fabled treasure of some far-away heaven; not to be bought with gold, not of this earth!

I said something to this effect. But four shillings a day was enough for the boot-black.

"Why, sir", he said, "I should be as 'appy as the Lord Mayor"!

O Epíteto

"Peregrina da noite, lúcida, lúrido mel - ou branco mel,¹² como Milton a chamou.

O jornal da manhã estava lá, sem abrir; eu sabia que deveria olhar as notícias, pois o acidente fora horrível, mas estava muito ocupado, tentando apenas encontrar um adjetivo para a Lua - o epíteto mágico, lunar, que só eu poderia encontrar ou inventar. O que importariam então os tremores e conflitos sublunares desta terra negligenciável?

The Epithet

"Night-wandering, lucid, honey-pale - or blanc, as Milton called her".

The morning paper lay there unopened; I knew I ought to look at the news, for the crash was awful, but I was too busy just then trying to find an adjective for the Moon—the magical, moony epithet, which could I only find or invent, what then would matter the quakes and sublunary conflicts of this negligible earth?

A Grande Aventura

Eu parei, antes de abrir a porta da frente, para um momento de profunda consideração.

¹² Em francês, no original.

À meia-luz, sombrias, plenas de ameaças e de oportunidades inimagináveis, estendiam-se ao redor da minha porta as muitas ruas povoadas. Podia ouvir as marés do tráfego, ameaçadoras e abafadas, soando multitudinariamente ao longo de seus caminhos. Encontrava-me realmente equipado para navegar nessas águas, armado e pronto para me aventurar novamente naquele mundo perigoso?

Luvas? Dinheiro? Cigarros? Fósforos? Sim; bem como um guarda-chuva para as tempestades e uma chave do trinco para meu retorno seguro.

The Great Adventure

I paused, before opening the front-door, for a moment of deep consideration. Dim-lit, shadowy, full of menace and unimaginable chances, stretched all around my door the many-peopled streets. I could hear, ominous and muffled, the tides of traffic, sounding multitudinously along their ways. Was I equipped for the navigation of those waters, armed and ready to adventure out into that dangerous world again?

Gloves? Money? Cigarettes? Matches? Yes; and I had an umbrella for its tempests, and a latchkey for my safe return.

O Fantasma

Quando as pessoas falam de Fantasmas eu não menciono a Aparição pela qual sou assombrado, o Fantasma que me acompanha nas ruas, a imagem ou o espectro tão familiar, tão semelhante a mim, que me espreita nos vidros das vitrines, ou salta dos espelhos para me atacar.

The Ghost

When people talk of Ghosts I don't mention the Apparition by which I am haunted, the Phantom that shadows me about the streets, the image or spectre, so familiar, so like myself, which lurks in the plate-glass of shop-windows, or leaps out of mirrors to waylay me.

Sir Eustace Carr

Quando li a notícia sobre Sir Eustace Carr no jornal da manhã, fiquei espantado, como todos os que o conheciam, mesmo que apenas de nome, este jovem, cuja riqueza e boa aparência, cujas viagens aventureiras e um casamento brilhante e feliz fizeram dele uma figura quase romântica.

De vez em quando se ouve falar de algum acontecimento estranho desse tipo. Mas são atos tão anômalos, em tal surpreendente contradição com todos os nossos modos habituais e noções aceitas da vida e seu valor, que a maioria de nós está suficientemente disposta a aceitar a explicação familiar de insanidade, ou qualquer outra causa comum que pode ser alegada - problemas financeiros, ou algum envolvimento passional, e o medo de escândalo e exposição. E então o Suicídio é esquecido o mais rapidamente possível, e sua memória arrastada para fora do caminho como algo desagradável de pensar. Mas às vezes sinto curiosidade por esses casos, perguntando-me se o homem falecido não pode ter levado consigo para a sepultura o segredo de alguma estranha perplexidade, de alguma paixão, desejo ou impulso irresistível, do qual talvez seus íntimos, e certamente o julgamento do legista, não poderiam ter tido qualquer indício.

Eu nunca havia conhecido ou falado com Sir Eustace Carr - os mundos em que vivíamos eram muito diferentes - mas lera sobre suas explorações no Oriente, e dos túmulos curiosos que ele descobrira em algum lugar no Vale do Nilo. Então também aconteceu (e esta foi a principal causa do meu interesse) que em certa ocasião eu o tinha visto mais de uma vez, em circunstâncias que eram bastante incomuns. E agora comecei a pensar em tal incidente. De certo modo não era nada, e ainda me assombrava a impressão de que estava de alguma forma ligado a este ato final, para o qual nenhuma explicação fora oferecida, além daquela de um súbito transtorno mental. Essa explicação não me pareceu inteiramente adequada, embora tivesse sido aceita, creio eu, tanto por seus amigos como pelo público em geral - e com mais razão por causa de uma excentricidade, o que equivalia em alguns casos quase que à insanidade que pode ser rastreada, foi dito, na família de sua mãe.

Não me foi difícil reviver, com certa intensidade, a memória daquelas frias e chuvosas semanas de novembro que passei sozinho, há alguns anos, em

Veneza, e das igrejas que frequentava. Recordava-me especialmente da grande igreja sombria no campo, perto de meus alojamentos, por onde, no final da tarde, frequentemente passava no caminho para meus aposentos. Era a época em que todas as igrejas de Veneza estão cobertas de preto, e os serviços para os mortos são realizados na alvorada e no crepúsculo; e quando eu entrei neste interior barroco, com suas colunas torcidas e volutas e sepulturas hediondas e amontoadas, adornadas com esqueletos, figuras alegóricas e anjos a soprar trombetas - todos tão agitados, mas todos tão mortos e vazios e frígidos - eu encontrava a escuridão fantástica cheia de velas cintilantes, e figuras ajoelhadas, e o ruído discordante dos cânticos. Ali me sentava, enquanto lá fora a noite caía com a chuva sobre Veneza; os palácios e os canais verdes se esvaneciam na escuridão, e os grandes sinos, balançando contra o céu baixo, enviavam o som melancólico de suas vozes para longe das lagoas.

Era aqui, nesta igreja, que eu costumava ver Sir Eustace Carr; geralmente encontrá-lo no mesmo canto quando entrava, e às vezes observava seu rosto, até que o apagamento cerimonial das velas, uma a uma, nos deixava em uma noite sombria. Era um rosto bonito e pensativo, e lembro-me de mais de uma vez me perguntar o que o tinha trazido a Veneza naquele mês fora de época, e por que ele vinha tão regularmente a esse serviço monótono. Era como se algum feitiço o tivesse atraído; e agora, com a minha curiosidade despertada, perguntei-me: o que tinha sido esse feitiço? Eu também devo ter sido afetado por isso, pois havia estado ali também em sua companhia incomunicável. Aqui - eu senti - estava talvez a resposta à minha pergunta, o segredo do enigma que me intrigava; e como examinei minhas lembranças daquele tempo, revivi seu fascínio sombrio e quase sinistro, e parecia-me ver uma resposta assomando diante de minha imaginação. Mas era uma resposta, uma hipótese ou suposição tão fantástica que o meu senso comum mal podia aceitá-la. Pois agora eu sentia que o feitiço sobre nós dois naquele tempo em Veneza não era nada mais do que o feitiço e o tremendo encantamento do Pensamento da Morte. A cidade triste, com seus palácios decadentes e grandes igrejas repletas de túmulos, tinha realmente parecido, nessas semanas escuras e desoladas, ser o lar e a metrópole do Rei dos Terrors; e os cultos ao amanhecer e ao anoitecer, com suas orações pelos mortos, e velas fúnebres, fora o ritual cantado de sua adoração. Agora suponha (tal era a noção que se agarrava à minha imaginação),

suponha que esse feitiço, que eu tinha sentido apenas por um tempo e vagamente, deveria tornar-se para alguém uma verdadeira obsessão, lançando sua sombra mais e mais completamente sobre uma vida de outra forma próspera e feliz; não seria essa a pista para uma história como a de Sir Eustace Carr: não só o seu interesse pelo Oriente enterrado, a sua presença naquela época em Veneza, mas também o seu fim inexplicável e misterioso?

Meditando sobre essa noção parcialmente crível, pensei nos grandes personagens e nas grandes nações sobre os quais lemos na história antiga, que pareciam viver com uma espécie de prazer mórbido, sepulcral, à sombra deste grande Pensamento; que se rodearam de lembranças da Morte e de símbolos hediondos de seu poder, e que, como os egípcios, encontraram seu interesse principal não no presente, mas em explorações imaginárias do futuro desconhecido; não na superfície iluminada pelo sol desta terra, mas nos cofres e moradias dos Mortos abaixo dela.

Desde que essa preocupação, essa curiosidade, essa nostalgia exerceram um fascínio tão enorme no passado, não achei impossível imaginar algum favorito contemporâneo da fortuna caindo vítima desta doença da alma; até que, finalmente, ficando cansado de outras satisfações, Ele poderia ser atraído para abrir para si o portal escuro e se juntar aos habitantes daquela escura região. Esta foi a noção que me assombrou, a ligação que minha imaginação forjou entre a presença de Sir Eustace Carr naquela igreja veneziana sombria e sua morte alguns anos depois. Mas se isso não é nada mais do que uma fantasia um tanto sinistra, é claro que eu não posso dizer.

Sir Eustace Carr

When I read the news about Sir Eustace Carr in the morning paper, I was startled, like everyone else who knew, if only by name, this young man, whose wealth and good looks, whose adventurous travels and whose brilliant and happy marriage, had made of him an almost romantic figure.

Every now and then one hears of some strange happening of this kind. But they are acts so anomalous, in such startling contradiction to all our usual ways and accepted notions of life and its value, that most of us are willing enough to accept the familiar explanation of insanity, or any other commonplace cause which may be alleged - financial trouble, or some passionate entanglement, and the fear of

scandal and exposure. And then the Suicide is forgotten as soon as possible, and his memory shuffled out of the way as something unpleasant to think of. But I sometimes wonder about these cases, asking myself whether the dead man may not have carried to the grave with him the secret of some strange perplexity, some passion or craving or irresistible impulse, of which perhaps his intimates, and certainly the coroner's jury, could have had no inkling.

I had never met or spoken to Sir Eustace Carr - the worlds we lived in were very diferente - but I had read of his explorations in the East, and of the curious tombs he had discovered—somewhere, was it not? - in the Nile Valley. Then, too, it happened (and this was the main cause of my interest) that at one time I had seen him more than once, under circumstances that were rather unusual. And now I began to think of this incident. In a way it was nothing, and yet the impression haunted me that it was somehow connected with this final act, for which no explanation, beyond that of sudden mental derangement, had been offered. This explanation did not seem to me wholly adequate, although it had been accepted, I believe, both by his friends and the general public—and with the more apparent reason on account of a strain of eccentricity, amounting in some cases almost to insanity which could be traced, it was said, in his mother's family.

I found it not difficult to revive with a certain vividness the memory of those cold and rainy November weeks that I had happened to spend alone, some years ago, in Venice, and of the churches which I had so frequently haunted. Especially I remembered the great dreary church in the campo near my lodgings, into which I would often go on my way to my rooms in the twilight. It was the season when all the Venice churches are draped in black, and services for the dead are held in them at dawn and twilight; and when I entered this Baroque interior, with its twisted columns and volutes and high-piled, hideous tombs, adorned with skeletons and allegorical figures and angels blowing trumpets - all so agitated, and yet all so dead and empty and frigid - I would find the fantastic darkness filled with glimmering candles, and kneeling figures, and the discordant noise of chanting. There I would sit, while outside night fell with the rain on Venice; the palaces and green canals faded into darkness, and the great bells, swinging against the low sky, sent the melancholy sound of their voices far over the lagoons.

It was here, in this church, that I used to see Sir Eustace Carr; would generally find him in the same corner when I entered, and would sometimes watch his face, until the ceremonious extinguishing of the candles, one by one, left us in shadowy night. It was a handsome and thoughtful face, and I remember more than once wondering what had brought him to Venice in that unseasonable month, and why he came so regularly to this monotonous service. It was as if some spell had drawn him; and now, with my curiosity newly awakened, I asked myself what had been that spell? I also must have been affected by it, for I had been there also in his uncommunicating company. Here, I felt, was perhaps the answer to my question, the secret of the enigma that puzzled me; and as I went over my memories of that time, and revived its sombre and almost sinister fascination, I seemed to see an answer looming before my imagination. But it was an answer, an hypothesis or supposition, so fantastic, that my common-sense could hardly accept it. For I now sensed that the spell which had been on us both at that time in Venice had been nothing but the spell and tremendous incantation of the Thought of Death. The dreary city with its decaying palaces and great tomb-encumbered churches had really seemed, in those dark and desolate weeks, to be the home and metropolis of the King of Terrors; and the services at dawn and twilight, with their prayers for the Dead, and funereal candles, had been the chanted ritual of his worship. Now suppose (such was the notion that held my imagination) suppose this spell, which I had felt but for a time and dimly, should become to someone a real obsession, casting its shadow more and more completely over a life otherwise prosperous and happy, might not this be the clue to a history like that of Sir Eustace Carr's - not only his interest in the buried East, his presence at that time in Venice, but also his unexplained and mysterious end? Musing on this half-believed notion, I thought of the great personages and great nations we read of in ancient history, who have seemed to live with a kind of morbid pleasure, sepulchrally, in the shadow of this great Thought; who have surrounded themselves with mementoes of Death, and hideous symbols of its power, and who, like the Egyptians, have found their main interest, not in the present, but in imaginary explorations of the unknown future; not on the sunlit surface of this earth, but in the vaults and dwelling-places of the Dead beneath it.

Since this preoccupation, this curiosity, this nostalgia, has exercised so enormous a fascination in the past, I found it not impossible to imagine some modern favourite of fortune falling a victim to this malady of the soul; until at last, growing weary of other satisfactions, he might be drawn to open for himself the dark portal and join the inhabitants of that dim region. This, as I say, was the notion that haunted me, the link my imagination forged between Sir Eustace Carr's presence in that dark Venetian church, and his death some years later. But whether this is nothing more than a somewhat sinister fancy, of course I can't say.

Obras em Cera

"Mas nunca se sabe realmente a era em que se vive. Quão interessante seria", eu disse à senhora ao meu lado, "como eu gostaria de nos ver como a Posteridade nos verá"!

Eu já disse isso antes; mas nesta ocasião fui atingido - quase por um trovão - por meu próprio comentário. Como um exorcista precipitado, fiquei alarmado com o espírito que eu mesmo criara. Por um estranho segundo, vi todos nós inevitavelmente naquele espelho, mas cadavéricos, pálidos, desatualizados - um conjunto empoeirado de velhas obras de cera, afetadas e ilógicas no aposento móvel do Tempo.

"Melhor ser esquecido imediatamente"! exclamei, com uma ênfase que pareceu surpreender a senhora ao meu lado.

Waxworks

"But one really never knows the Age one lives in. How interesting it would be", I said to the lady next me, "how I wish we could see ourselves as Posterity will see us!"

I have said it before; but on this occasion I was struck - almost thunder-struck - by my own remark. Like a rash exorcist, I was appalled by the spirit I had raised myself. For a queer second I did see us all inevitably in that mirror, but cadaverous, palsied, out-of-date, - a dusty set of old waxworks, simpering inanely in the lumber-room of Time.

"Better to be forgotten at once!" I exclaimed, with an emphasis that seemed somewhat to surprise the lady next me.

Desesperança

“Sim, como você diz, a vida é tão cheia de decepções, desilusões”! À medida que envelheço, mais e mais me pergunto: qual é o sentido de tudo isso? “Nós nos vestimos, saímos para jantar”, continuei, “mas certamente estamos participando de um espetáculo vaidoso, como diz a Bíblia, e somos esmagados assim como as traças”. Como esses aspargos são bons! Costumo dizer que os aspargos são os vegetais mais deliciosos de todos. E, no entanto, não sei... quando se pensa em ervilhas frescas. Pode-se cansar-se de espargos, assim como de morangos, mas eu poderia comer ervilhas tenras para sempre. Depois, pêssegos e melões; e há também certas peras que têm um sabor divino. Um dos meus devaneios favoritos para o longo crepúsculo da minha vida é viver sozinho, como um senhor idoso formal, ganancioso e egoísta, em uma casa quadrada, digamos, em Devonshire, com um jardim quadrado, cujas paredes são cobertas de damascos, figos e pêssegos: e há também peras preciosas, plantadas por mim, em espaldeiras ao longo dos caminhos. Eu caminharia com uma bengala de ponta dourada sob o sol enfumaçado e, no momento oportuno, colheria outra pera. No entanto, isso não era nada do que eu ia dizer.

Desperance

“Yes, as you say, life is so full of disappointment, disillusion”! More and more I ask myself, as I grow older, what is the good of it all? “We dress, we go out to dinner, I went on, but surely we walk in a vain show, as the Bible puts it, and are crushed before the moth”. How good this asparagus is! I often say asparagus is the most delicious vegetable of all. And yet, I don't know - when one thinks of fresh green peas. One can get tired of asparagus, as one can of strawberries - but I could eat tender peas for ever. Then peaches, and melons; - and there are certain pears, too, that taste like heaven. One of my favourite daydreams for the long evening of my life is to live alone, a formal, greedy, selfish old gentleman, in a square house, say, in Devonshire, with a square garden, whose walls are covered with apricots and figs and peaches: and there are precious pears, too, of my own planting, on espaliers along the paths. I shall walk out with a gold-headed cane in the smoky sunshine, and just at the ripe moment pick another pear. However, that isn't at all what I was going to say.

Uma queixa

São todas elas pessoas de maneiras elegantes e reputação imaculada; parecem gostar das minhas visitas e ouvem as minhas histórias com resoluta atenção. Apenas uma queixa lhes tenho: mantêm em suas casas livros cheios de epítetos obsoletos que, ao sentir o cheiro da sua proximidade melosa, me provocam náuseas.

Acredito haver pessoas que são afetadas dessa maneira pela presença de gatos.

A Grievance

They are all persons of elegant manners and spotless reputations; they seem to welcome my visits, and they listen to my anecdotes with unflinching attention. I have only one grievance against them; they will keep in their houses books full of stale epithets, which, when I only seem to smell their mawkish proximity, produce in me a feeling of nausea.

There are people, I believe, who are affected in this way by the presence of cats.

Victoria Street

Conversávamos sobre o estado do mundo enquanto caminhávamos em direção à abadia de Westminster — caminhávamos e estávamos tristes. A perspectiva, disse meu companheiro, era sombria para além de uma possível descrição.

Nesse momento, um raio de sol dourou as torres da abadia acima dos telhados da Rua Victoria, à nossa frente. “Mas por que”, perguntei, enquanto meus olhos se deleitavam com essa imagem resplandecente, “por que vivemos para outra coisa que não seja a Beleza? O que há que dê sentido ao mundo além da Beleza - esses esplendores, disse eu, que parecem cair sobre nós do empíreo, de climas de êxtase além das constelações”?

Victoria Street

We were talking of the state of the world as we walked towards Westminster—as we walked and were sad. The outlook, my companion said, was black beyond description.

Just then a gleam of sun gilded the Abbey Towers above the roofs of Victoria Street before us. "But why", I asked, as my eyes drank in this shining picture, "why do we live for anything but Beauty? What is there that gives a meaning to the world but Beauty; - these splendours, I said, that seem to fall upon us from the empyrean, from climes of bliss beyond the Constellations"?

Justificativa

Bem, e se eu fingi um pouco naquele almoço? Não devo aos meus amigos afirmar de vez em quando minhas exigências de consideração? Devo sempre permitir que me pisem, me tratem como lixo e me humilhem? E quanto aos santos e patriarcas da Bíblia? José não contou o sonho em que sua espiga de trigo foi exaltada? Débora cantou sem culpa como ela se tornou mãe em Israel, e Davi não se gabou de seu triunfo sobre a pata do leão e a pata do urso? De fato, em Suas conversas com Seu povo escolhido, o próprio Criador do Universo não faz os esforços mais surpreendentes para impressionar aqueles hebreus com Sua importância, Seu poder, Sua glória? Bem, eu não fui feito à Sua imagem?

Justification

Well, what if I did put it on a little at that luncheon party? Don't I owe it to my friends to assert now and then my claims to consideration; ought I always to allow myself to be juggernauted, trampled on and treated as dirt? And how about the Saints and Patriarchs of the Bible? Didn't Joseph tell of the dream in which his wheatsheaf was exalted; Deborah sing without blame how she arose a mother in Israel, and David boast of his triumph over the paw of the lion and the bear's paw? Nay, in His confabulations with His chosen people, does not the Creator of the Universe Himself make the most astounding efforts to impress upon those Hebrews His importance, His power, His Glory Well, wasn't I made in His image?

Eperando

Encontramo-nos em Waterloo; como estávamos fazendo a mesma visita, viajamos juntos no trem; mas quando descemos naquela estação rural, ela descobriu que suas malas não haviam chegado. Elas poderiam ter seguido para a próxima estação; esperei com ela enquanto faziam perguntas por telefone ao longo da linha. Era uma noite amena de primavera: sentamo-nos lado a lado, em silêncio, em um banco de madeira frente à plataforma; a agitação causada pela passagem do trem foi diminuindo; o crepúsculo se aprofundou e, uma a uma, as estrelas começaram a brilhar no céu sereno.

“Como é tranquilo!”, comentei finalmente. “Não há um certo encanto”, continuei após outra pausa, “em esperar assim em silêncio sob as estrelas? Afinal, é uma pequena aventura, não é? Um momento com um certo clima, cor e atmosfera próprios.”

“Costumo pensar”, refleti em voz alta mais uma vez, “costumo pensar que é em momentos como este, de espera e suspense silencioso, que se saboreia mais plenamente a vida, a incerteza e, ainda assim, a doçura de nossa frágil condição mortal, tão capaz de medo e esperança, tão dependente de um milhão de acidentes”.

“Bagagem!”, eu disse, após outro silêncio, “não é, afinal, absurdo que mentes que contemplam o universo carreguem consigo escovas, botas e tecidos em caixas de couro? Suponha que todo esse lixo insignificante”, eu disse, dando uma cutucada desdenhosa com meu guarda-chuva na minha mala, que estava perto de mim, “suponha que tudo isso desapareça, afinal, o que isso importa”?

Finalmente, ela falou. “Mas não é a sua bagagem, disse ela, é a minha que está perdida”.

Waiting

We met at Waterloo; as we were paying the same visit, we travelled in the train together; but when we got out at that country station, she found that her boxes had not arrived. They might have gone on to the next station; I waited with her while enquiries were telephoned down the line. It was a mild spring evening: side by side we sat in silence on a wooden bench facing the platform; the bustle

caused by the passing train ebbed away; the dusk deepened, and one by one the stars twinkled out in the serene sky.

"How peaceful it is!" I remarked at last. "Is there not a certain charm, I went on after another pause, in waiting like this in silence under the stars? It's after all a little adventure, is it not? a moment with a certain mood and colour and atmosphere of its own".

"I often think, I once more mused aloud, I often think that it is in moments like this of waiting and hushed suspense, that one tastes most fully the savour of life, the uncertainty, and yet the sweetness of our frail mortal condition, so capable of fear and hope, so dependent on a million accidents".

'Luggage!' I said, after another silence, "is it not after all absurd that minds which[Pg 39] contemplate the universe should cart about with them brushes and boots and drapery in leather boxes? Suppose all this paltry junk,' I said, giving my suitcase, which stood near me, a disdainful poke with my umbrella, 'suppose it all disappears, what after all does it matter"?

At last she spoke. "But it's not your luggage, she said, but mine which is lost".

A Harpa Galesa

Que recantos charmosos se podem encontrar na imensa esqualidez de Londres, e que encontros curiosos fazem parte da experiência dos amantes de Londres! Outro dia, quando caminhava por uma longa via saindo da *Edgware Road* e parei para tomar um chá no Welsh Harp, às margens do reservatório de Brent, descobri, além da fachada moderna dessa pousada, um antigo jardim adornado com ruínas e estátuas falsas, repleto de flores outonais e do brilho da água límpida. Sentado ali, bebendo meu chá - sozinho, como pensei a princípio, no crepúsculo —, percebi que o jardim tinha outro ocupante; que em outra mesa, não muito longe de mim, uma mulher distraída e de aparência não muito próspera, com um chapéu surrado, estava sentada, com sua bolsa ao lado, também bebendo chá e contemplando o brilho do pôr do sol. Pensei que fosse uma solteirona idosa, talvez uma costureira ou uma governanta aposentada, uma daquelas senhoras solteiras que vivem sozinhas em alojamentos tranquilos e gostam de ficção romântica e excursões solitárias.

Enquanto estávamos sentados ali, nós dois sozinhos no crepúsculo crescente, mais de uma vez nossos olhares se cruzaram, e uma curiosa relação

de simpatia e compreensão pareceu se estabelecer entre nós; parecíamos manter um diálogo cheio de confissões tácitas, “Sim”, parecíamos dizer, enquanto nossos olhos se encontravam sobre nossas xícaras de chá suspensas, “sim, Beleza, Romance, o Pássaro Azul que canta sobre a Felicidade — essas são as coisas com as quais nos importamos — as únicas coisas com as quais, apesar de tudo, ainda nos importamos; mas onde podemos encontrá-las nas ruas e subúrbios sombrios de Londres?”

“E, no entanto”, nossos olhos pareciam perguntar um ao outro, “este jardim, com seu aspecto surrado e pretensioso, não é romântico? Não é como algo em um poema de Verlaine? Não tem agora, na luz fraca, uma espécie de beleza? E esse clima de meditação após nosso excelente chá, que nome, se formos honestos, podemos dar a ele, se não o chamarmos de Felicidade?”

The Welsh Harp

What charming corners one can find in the immense dinginess of London, and what curious encounters become a part of the London-lover's experience! The other day, when I walked a long way out of the Edgware Road, and stopped for tea at the Welsh Harp, on the banks of the Brent Reservoir, I found, beyond the modern frontage of this inn, an old garden adorned with sham ruins and statues, and full of autumn flowers and the shimmer of clear water. Sitting there and drinking my tea - alone as I thought at first, in the twilight - I became aware that the garden had another occupant; that at another table, not far from me, a vague and not very prosperous-looking woman in a shabby bonnet was sitting, with her reticule lying by her, also drinking tea and gazing at the after-glow of the sunset. An elderly spinster I thought her, a dressmaker perhaps, or a retired governess, one of those maiden ladies who live alone in quiet lodgings, and are fond of romantic fiction and solitary excursions.

As we sat there, we two alone in the growing dusk, more than once our glances met, and a curious relation of sympathy and understanding seemed to establish itself between us; we seemed to carry on a dialogue full of tacit avowals, “Yes”, we seemed to say, as our eyes met over our suspended tea-cups, “yes, Beauty, Romance, the Blue Bird that sings of Happiness - these are the things we care

for - the only things that, in spite of everything, we still care for; but where can we find them in the dingy London streets and suburbs”?

“And yet”, our eyes seemed to ask each other, “isn't this garden, in its shabby, pretentious way, romantic; isn't it like something in a poem of Verlaine's; hasn't it now, in the dim light, a kind of beauty? And this mood of meditation after our excellent tea, what name, if we are honest, can we call it by, if we do not call it Happiness”?